

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - MESTRADO

RIVADAVIO DE BARROS GICO JUNIOR

A CURA DA MULHER ENCURVADA EM DIA DE SÁBADO (Lc 13,10-17)

RECIFE  
2019

RIVADAVIO DE BARROS GICO JUNIOR

A CURA DA MULHER ENCURVADA EM DIA DE SÁBADO (Lc 13,10-17)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia sistêmico-pastoral.

Linha de pesquisa: Literatura bíblica e teológica: interpretação

Orientadora: Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade

RECIFE  
2019

G452c

Gico Junior, Rivadavio de Barros

A cura da mulher encurvada em dia de sábado (Lc 13,10-17)

/ Rivadavio de Barros Gico Junior, 2019.

73 f.

Orientador: Aíla Luzia Pinheiro de Andrade.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco.

Programa de Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia,  
2019.

1. Hermenêutica (Religião). 2. Cura pela fé. 3. Teologia. I. Título.

CDU 22.06

Ficha catalográfica elaborada por Pollyanna Alves - CRB 4/1002

RIVADAVIO DE BARROS GICO JUNIOR

A CURA DA MULHER ENCURVADA EM DIA DE SÁBADO (Lc 13,10-17)

Dissertação Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

---

Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade  
Orientadora

---

Prof. Dra. Rita Gomes  
Examinador Interno

---

Profa. Dra. Fernanda Lemos  
Examinadora Externa

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço... Primeiramente ao meu bom Deus, pois sem Ele, não seria possível a realização deste trabalho.

A minha mãe, e ao meu Pai (em memória) que me educaram, formaram, fortaleceram-me e me apoiaram para que chegasse até aqui.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade que me orientou e ajudou a concluir esta dissertação. Agradeço a paciência e compreensão.

Ao Prof. Dr. Cláudio Vianney nosso coordenador no início de nosso curso.

A Profa. Dra. Alzirinha Souza nossa atual coordenadora pelo apoio, atenção e incentivo.

A todos os professores que passaram por nossa turma, meu muito obrigado por nos legarem o conhecimento e, principalmente, nos levaram a refletir sobre a teologia e sobre a vida e nos guiaram nos mais acalorados debates e que nos fizeram pensar e crescer humanamente e profissionalmente.

Agradeço ao Prof. Dr. João Luiz Correia Junior que me orientou no início dos trabalhos, mas que por força maior não pode dar sequência. Ao Prof. Dr. Pe. Sergio Grigoletto pelo incentivo no início dos trabalhos.

Aos Profs. Drs. Sérgio Sezino Douets e Degislano Nóbrega, pelo apoio e incentivo para que eu ingressasse neste mestrado e que me orientaram nas dificuldades que encontrei.

A toda equipe de funcionários da Biblioteca da UNICAP pelo apoio e orientação nas buscas de referências, bem como orientação sobre regras da ABNT.

Aos meus colegas de classe que estivemos todo tempo aprendendo, debatendo, refletindo e aprofundando cada assunto ministrado por nossos mestres, meu muito obrigado pelo aprendizado e enriquecimento.

Enfim, a todos que contribuíram para que esse trabalho fosse realizado.

Como ele se encaminhava para Jerusalém, passava através da Samaria e da Galileia. Ao entrar num povoado, dez leprosos vieram-lhe ao encontro. Parraram a distância e clamaram: “Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!” Vendo-os, ele lhes disse: “Ide mostrar-vos aos sacerdotes”. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram purificados. Um dentre eles vendo-se curado, voltou atrás, glorificando a Deus em alta voz, e lançou-se aos pés de Jesus com o rosto por terra, agradecendo-lhe. Pois bem, era um samaritano (Lc 17, 11-16).

## RESUMO

Esta dissertação é uma análise hermenêutica sobre a perícopes da cura da mulher encurvada em dia de sábado (Lc 13,10-17), que é exclusiva do evangelho de Lucas. Inicialmente aborda o mundo judaico na época de Jesus, a situação tanto política dos judeus na Palestina, a situação social, as instituições judaicas e as ideologias na época de Jesus: o templo, a sinagoga, o sábado. Também apresenta a relação entre Jesus e os partidos religiosos judaicos e a expectativa do reino de Deus. Posteriormente, analisa a atividade de Jesus em palavras e ações, a sua pregação do reino de Deus e seus prodígios. Em seguida enfrenta o tema central dos milagres e seu significado e, como Jesus se relacionava com as pessoas. O papel da fé, a cura holística e a atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus são estudadas dentro da tradição evangélica. Para se compreender melhor a perícopes, também é estudado o léxico taumatúrgico, terapêutico dos evangelhos, os sumários da atividade taumatúrgica de Jesus e a tipologia dos milagres e de suas curas. As curas de Jesus o apresentam como profeta escatológico, Servo do Senhor, seu poder de curar e a eficácia da sua palavra, bem como o envio dos discípulos para anunciarem o Reino e curarem os doentes. No estudo mais detalhado da perícopes são apresentados seus elementos constitutivos e a análise do relato de cura. Está presente a atitude revolucionária de Jesus ao curar, a enfermidade e seu simbolismo, as atitudes do auditório. A hermenêutica do texto à luz do encontro, do corpo e da luz da fé. A relevância do tema para os dias de hoje e a experiência na pastoral da saúde.

Palavras chaves: Cura. Doença. Encurvada. Mulher. Sábado.

## SOMMARIO

Questa dissertazione è uno studio sulla pericope della guarigione della donna piegata in giorno di sabato (Lc 13: 10-17), che è esclusiva del vangelo di Luca. Inizialmente si rivolge al mondo ebraico al tempo di Gesù, alla situazione politica degli ebrei in Palestina, alla situazione sociale, alle istituzioni e alle ideologie ebraiche nel tempo di Gesù, al tempio, alla sinagoga, al Sabbath. Presenta anche la relazione tra Gesù e i gruppi religiosi ebraici e l'aspettativa del regno di Dio. Successivamente, analizza l'attività di Gesù nelle parole e nelle azioni, nella sua predicazione del regno di Dio e dei suoi prodigi. Segue il tema centrale dei miracoli e del loro significato e di come Gesù si relazionava con le persone. Il ruolo della fede, la guarigione olistica e l'attività taumaturgica e terapeutica di Gesù sono studiati nella tradizione evangelica. Per comprendere meglio il pericope, studiamo anche il lessico taumaturgico e terapeutico dei Vangeli, i riassunti dell'attività taumaturgica di Gesù, la tipologia dei miracoli e delle cure. Le guarigioni di Gesù lo presentano come un profeta escatologico, il servo del Signore, il suo potere di guarire e l'efficacia della sua parola, così come l'invio dei discepoli per proclamare il Regno e guarire gli ammalati. Nello studio più dettagliato della pericope sono presentati i suoi elementi costitutivi e l'analisi del conto di guarigione. C'è l'atteggiamento rivoluzionario di Gesù nella guarigione, la malattia e il suo simbolismo, l'atteggiamento del pubblico. L'ermeneutica del testo alla luce dell'incontro, alla luce del corpo e alla luce della fede. La rilevanza del tema ai giorni nostri e l'esperienza nella cura pastorale della salute.

Parole chiave: Donna. Curvo. Gesù, il taumaturgo e terapeuta. La malattia. Sabato. Guarigione

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	11
<b>1. OS MILAGRES NOS EVANGELHOS.....</b>	13
<b>1.1 O mundo judaico.....</b>	13
<b>1.1.1 A situação política dos judeus na terra prometida.....</b>	13
<b>1.1.2 A situação social, as instituições judaicas e as ideologias na época de Jesus.....</b>	16
<b>1.1.2.1 O Templo.....</b>	17
<b>1.1.2.2 A Sinagoga.....</b>	18
<b>1.1.2.3 O Sábado.....</b>	20
<b>1.1.2.4 Os partidos judaicos.....</b>	22
<b>1.1.3 Expectativa do reinado de Deus.....</b>	23
<b>1.2 Os Milagres de Jesus e a pregação do Reino de Deus.....</b>	23
<b>1.2.1 Os prodígios do Reino de Deus.....</b>	24
<b>1.2.2 A abordagem de Jesus às pessoas e o papel da fé.....</b>	31
<b>1.2.3 A cura em sentido holístico.....</b>	32
<b>1.3 A atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus na tradição evangélica...</b>	33
<b>1.3.1 O léxico taumatúrgico nos evangelhos.....</b>	33
<b>1.3.2 O léxico terapêutico nos evangelhos.....</b>	34
<b>1.3.3 Os “sumários” da atividade taumatúrgica de Jesus.....</b>	35
<b>1.3.4 A tipologia dos milagres e das curas de Jesus.....</b>	36
<b>1.3.5 O profeta escatológico.....</b>	37
<b>1.3.6 O servo do Senhor.....</b>	37
<b>1.3.7 A cura à distância e a cura por contato.....</b>	39
<b>SÍNTESE DO CAPÍTULO.....</b>	40
<b>2 A CURA DA MULHER ENCURVADA (Lc 13,10-17).....</b>	42
<b>2.1 Análise da perícope (Lc 13,10-17).....</b>	42
<b>2.1.1 Estrutura da perícope.....</b>	43
<b>2.1.2 Elementos constitutivos de relatos de cura.....</b>	43
<b>2.1.3 Análise dos elementos constitutivos da perícope de Lc 13,10-17.....</b>	44
<b>2.1.3.1 A atitude revolucionária de Jesus na cura da mulher encurvada.....</b>	44

2.1.3.2 O número dezoito.....	44
2.1.3.3 O chamado de Jesus e a imposição das mãos.....	45
2.1.3.4 A enfermidade e seu simbolismo.....	46
2.1.3.5 O chefe da sinagoga.....	48
SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	49
<b>3 HERMENÊUTICA SOBRE A PERÍCOPE DE Lc 13,10-17.....</b>	<b>52</b>
3.1 Hermenêutica a luz do encontro.....	53
3.1.1 Encontro com o sagrado que não dignifica.....	53
3.1.2 O encontro salvífico.....	54
3.2. Hermenêutica à luz do corpo.....	55
3.3 Hermenêutica a luz da fé.....	57
3.3.1 Fé e vida em Cristo.....	58
3.3.2 A fé da mulher encurvada.....	60
3.4 Novas hermenêuticas e o relato da mulher encurvada.....	61
3.4.1 Palavras, ações e Reino de Deus.....	61
3.4.2 Misericórdia e inclusão.....	63
3.5 A relevância da perícopa para os dias de hoje.....	65
3.6 Experiência na pastoral da saúde.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

## INTRODUÇÃO

Viver cada vez mais em busca da imortalidade tem sido um grande desafio para humanidade. Esta busca incansável do homem tem um custo elevado tendo em vista que, quanto maior a longevidade, maior o surgimento de novas doenças que ameaçam a saúde humana criando embate entre a ciência e nossa permanência em vida. Mas qual será o limite para tudo isso? Nesse sentido, é imprescindível a descoberta da cura de diversas doenças que põem em perigo a espécie humana e que há alguns anos tínhamos como incuráveis.

Por outro lado, os cientistas, mesmo sem encontrar a cura de doenças graves, como a AIDS e câncer, buscam soluções através de exames que possam detectar precocemente estas doenças, aumentando as possibilidades de cura, e também a descoberta de paliativos que proporcionem aos pacientes, além de uma sobrevida, uma qualidade de vida melhor aos enfermos.

Para Hipócrates, o precursor da medicina científica, as doenças não eram causadas por forças sobrenaturais, mas por fenômenos que podiam ser estudados e influenciados por procedimentos terapêuticos e pela conduta de uma vida adequada. No processo de cura, Hipócrates reconhecia, ainda, o poder curativo do organismo.

Portanto, se faz necessário analisar esses processos, levando em consideração sua pertinência nas atuais demandas de cura. Delimitamos nossa pesquisa à perícopes de Lc 10,13-17 porque se trata não somente de uma cura, mas estão implicados no relato vários aspectos que mostram os sentimentos e opções de Jesus.

O Mestre da Galileia suscitou a fé das pessoas a respeito dele, não como um milagreiro, mas como Filho de Deus, em resposta aos anseios e expectativas em relação ao Reino de Deus. Embora seja um relato de cura, nosso objetivo é mostrar que a ênfase da perícopes não está no milagre ou prodígio, o fator principal é a forma, os sinais e os gestos de Jesus na abordagem que ele fazia às pessoas. Além desse objetivo, também podemos inferir outros mais específicos, tais como: verificar a relação entre a cura da mulher encurvada e o Reino de Deus; identificar os tipos de hermenêuticas suscitadas pela perícopes; analisar como, para as novas hermenêuticas, deve ser visto os gestos e as palavras de Jesus em sua totalidade.

Analisaremos a perícopes na qual Jesus cura uma mulher encurvada, à luz do encontro, do corpo, da fé da mulher encurvada, da reação das autoridades e da multidão que presenciou o milagre. Para a concretização e o aprofundamento deste estudo, fizemos uma investigação da literatura especializada, e isso nos possibilitou uma fundamentação teórica que comprovou a relevância desse tema nos dias atuais.

A metodologia envolveu um levantamento bibliográfico e uma abordagem qualitativa, pois, considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e texto bíblico. Identificamos e analisamos dados não mensuráveis, como sentimentos, sensações, percepções, intenções presentes no texto bíblico.

A nossa pesquisa está composta de três capítulos. No primeiro abordamos o contexto social e político, no qual Jesus vivia em sua época, algumas de suas ações, significado de milagres, como Jesus abordava as pessoas. Também está presente as atividades taumatúrgica e terapêutica de Jesus na tradição evangélica, os gestos, seus sinais, sua palavra, o sentido salvífico dos milagres. E ainda o seu poder de curar e enviar os discípulos para que fizessem a mesma coisa que ele fez.

No segundo capítulo, analisamos a perícopé da mulher encurvada que é narrada em Lc 13,17-10. Os elementos constitutivos dos relatos de cura, a atitude revolucionária de Jesus, as reações das testemunhas oculares: o chefe da sinagoga, a mulher encurvada, as multidões.

No terceiro capítulo fazemos uma leitura da perícopé à luz das novas hermenêuticas finalizando com as palavras e ações do Reino, a misericórdia, a fé e a inclusão. Também incluímos um relato pessoal sobre nossa atividade pastoral na assistência a pessoas enfermas.

## **1. OS MILAGRES NOS EVANGELHOS**

Os evangelhos foram escritos num ambiente totalmente diferente do nosso, em quase todos os sentidos: cultural, político, social, onde o universo conceitual e simbólico, de um lado os modos de expressão, e de outro, eram extremamente diferentes dos nossos. Por isso, tem sido difícil para os cristãos, nos dias de hoje, compreender a fundo o sentido de muitas passagens do evangelho. Vamos expor alguns tópicos relevantes que ajudaram a entender melhor a mensagem de Jesus segundo o testemunho de Lucas.

O primeiro ponto a ser abordado, é o da situação política e social dos judeus, com suas instituições, ideologias e as expectativas do reino de Deus na época de Jesus.

### **1.1 O mundo judaico**

O ambiente no qual Jesus nasceu era governado pelo império romano, com suas províncias e governos. Era o regime dos procuradores romanos que agiam em favor dos interesses do império. Os procuradores eram em todos os sentidos representantes do Estado, além de se encarregarem dos assuntos econômicos, exerciam a autoridade militar e a judicial.

Era comum no governo do Procurador Pôncio Pilatos a existência de conflitos com o povo judeu. Ele foi o governador na época em que Jesus foi condenado à morte. E era ainda considerado um indivíduo intransigente, duro e obcecado, cruel e ambicioso. Sua primeira ação como governador da Judeia foram suas investidas contra o povo judeu.

Demograficamente a Palestina tinha 2 a 3 milhões de pessoas e o latim era a língua oficial usada no Ocidente. No Oriente, predominava o grego de forma geral. Além do grego, os judeus que habitavam a Palestina, como Jesus e seus discípulos, falavam também o aramaico e talvez um pouco de hebraico. Fora durante o exílio que os judeus haviam escolhido o aramaico, língua irmã do tradicional hebraico. (MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 14; BEAUMONT, 2014. p. 13-17).

#### **1.1.1 A situação política dos judeus na terra prometida**

Quando Jesus nasceu, reinava, na Palestina Herodes I, o grande (Mt 2,1), rei vassalo do imperador romano. Com a morte de Herodes (ano 4.a.C.), o reino foi dividido entre seus três filhos, com o consentimento do imperador Augusto, que, no entanto, deixando de dar atenção ao testamento de Herodes, não outorgou o título de rei a nenhum dos três.

A Judeia, província do sul, cuja capital era Jerusalém, e a Samaria, província do centro, couberam a Arquelau (Mt 2,22), como etnarca ou régulo. A Galileia, a província do

norte, com a capital em Tiberíades (Jo 6,1.23), e a Transjordânia a leste receberam como tetrarca ou vice-rei Herodes II Antipas (Lc 3,1;13,31). Outro filho, Filipe, herdou, também com o título de tetrarca, o território a leste do Jordão e do lago da Galileia até o Norte; sua capital era Cesária de Filipe (Mt 16,13 e paralelos).

Arquelau, devido à sua crueldade, foi deposto pelo imperador Augusto e exilado; em seu lugar, Roma nomeou um procurador ou governador (ano 6 d.C.) Herodes Antipas se manteve no poder até o ano 39, quando foi deposto e também exilado pelo imperador Tibério. Filipe permaneceu no cargo até a morte (ano 33/34 d.C.) Depois dele, também o seu território ficou dependendo da província da Síria.

No ano 41, o imperador Cláudio concedeu a Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande, o título do rei da Palestina, mas, depois, em seu breve reinado (41-44 d.C.), a totalidade da Palestina se tornou território romano, administrado por procuradores, sob a supervisão do legado da Síria (MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 9-10).

O governo romano deixava aos judeus certa autonomia. As exceções para esta maneira de proceder eram tão frequentes e criaram tantos conflitos, que foram a causa principal da rebelião dos judeus contra Roma (ano 66), provocando a destruição de Jerusalém (ano 70) e a ruína completa da nação.

Sob o comando direto do procurador havia apenas tropas auxiliares. As legiões (uns 6000 homens em cada uma) estacionavam na Síria (eram quatro desde a época de Tibério). Além da guarnição de Cesareia (uns 3000 homens), havia também pequenas guarnições em outras cidades e povoados da Palestina. Em Jerusalém havia uma só coorte (600 homens), estacionada na torre Antônia (MATEOS, CAMACHO, 1992, p.15-22).

Os procuradores da Judeia exerceram a suprema autoridade judicial, já que a administração ordinária de justiça, tanto civil quanto criminal, competia aos tribunais locais judeus. A competência judicial do governador incluía o *ius gladii*, isto é, a imposição da pena de morte; unicamente os cidadãos romanos podiam recorrer de sua sentença apelando para o imperador.

A competência jurídica das autoridades judiciais judaicas era reconhecida pelo poder romano. No entanto, quando entravam em jogo os interesses do império, o governador podia reservar qualquer caso para seu próprio tribunal. Em geral, os crimes políticos estavam sujeitos à sua jurisprudência. (MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 15-22; DRANE, FIELD, MILLARD, 1985, p. 24-31; BEAUMONT, 2014, p. 118-119)

Os tributos eram arrecadados pelos *publicani*, pessoas que arrendavam os impostos de um distrito por uma soma anual fixa. Se a arrecadação excedesse tal soma, a

diferença em seu favor se convertia em ganho, porém, se não chegasse à quantidade contratada, tinham que assumir as perdas. As tarifas aduaneiras eram fixadas pelas autoridades, mas ficava margem para a arbitrariedade e a ambição dos cobradores. O abuso em sua gestão e a frequente sobrecarga de impostos, lhes mereceram, o ódio do povo.

O governador romano não passava de supervisor, ao passo que o aristocrático Sinédrio agia como autêntico governo. O titular do sumo sacerdócio, que era ao mesmo tempo presidente do Sinédrio, era qualificado de “chefe de Estado”.

O culto e a liturgia judaicos não só eram tolerados, mas até gozavam da proteção do Estado romano. O sincretismo religioso característico da piedade gentílica desse tempo contribuiu inclusive para que alguns nobres romanos apresentassem oferendas votivas no templo judeu e oferecessem sacrifícios. Por questão de respeito à sensibilidade religiosa judaica, enquanto em algumas províncias se instituiu o culto ao imperador e em outras pelo menos se procurou favorecê-lo, nunca houve exigências deste gênero para a população judaica, excetuando-se a época de Calígula (37-41). Culturalmente, o poder romano se conformava com o sacrifício de dois cordeiros e um boi que, duas vezes ao dia, era oferecido no templo de Jerusalém pelo César e pela nação romana.

Com a amostragem das dificuldades ocasionadas por este regime podem ser mencionados os pontos de conflito com os judeus durante o governo de Pôncio Pilatos, que ocupou o cargo de procurador da Judeia de 26 a 36 d.C., e que condenou Jesus à morte. A primeira ação de Pôncio Pilatos como governador da Judeia foi, em desprezo os privilégios judeus, ordenar à guarnição de Jerusalém que desfraldasse os estandartes imperiais. O povo judeu marchou cinco dias e cinco noites para Cesaréia até que cessasse tal ofensa. No sexto dia, Pilatos fez os judeus entrarem no estádio e ameaçou degolá-los se continuassem com as queixas.

Outra turbulência ocorreu quando Pilatos decidiu aplicar os ricos tesouros do templo para a proveitosa finalidade de construir um aqueduto para Jerusalém. Esta decisão foi considerada sacrílega pelos judeus. Pilatos inspecionava obras em Jerusalém e viu-se rodeado pelo povo, que manifestava seu desagrado e seu protesto. Advertido do possível tumulto, deu ordens a seus soldados que, vestidos à paisana e armados de porretes, se misturassem aos manifestantes. Quando as queixas e ameaças do povo aumentavam, ao seu sinal, os soldados investiam com porretes contra a multidão. Muitos judeus perderam a vida e, embora a resistência tenha sido reduzida, o ódio a Pilatos aumentou.

Os Judeus viviam na Síria mais do que na Palestina, e em Alexandria, no Egito, do que em Jerusalém. Bom número de gentios vivia em partes da Palestina, como na Galileia,

onde Jesus foi criado, superando a população de judeus na vizinha Decápolis (MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 57-59; DAY, SMIMTH, 2015, p. 50,54).

### **1.1.2 A situação social, as instituições judaicas e as ideologias na época de Jesus**

Jesus viveu uma época de grandes dificuldades, encontrou uma sociedade social, política e religiosamente dividida. E este foi um dos grandes desafios enfrentado por ele em sua missão.

Do ponto de vista socioeconômico, pode-se distinguir, na população da Palestina três camadas: a classe rica e poderosa, a classe média e os pobres. À classe rica e poderosa pertencia os príncipes, a família real de Herodes, os altos dignitários da corte, as famílias da aristocracia sacerdotal e leiga, dos latifundiários, dos grandes comerciantes e dos cobradores de impostos. À classe média, muito reduzida, existia praticamente só em Jerusalém. Formada por pequenos comerciantes, pelos artesãos proprietários de suas oficinas, donos das hospedarias. À classe pobre, que constituía a imensa maioria da população, pertencia aos assalariados, operários, camponeses, os pescadores, os inúmeros mendigos e, finalmente, os escravos.

Esses últimos não desempenhavam papel relevante na economia rural, já que se encontravam principalmente nas cidades, a serviço das casas ricas, e ainda assim, seu número, fora da corte de Herodes, era muito reduzido. Os diaristas, muito numerosos, ganhavam em média um denário ao dia, incluída a comida. Sua situação se tornava lastimosa quando não encontravam trabalho. De fato, na Galileia, o desemprego rural era elevado (MATEOS, CAMACHO, 1992, 24-26 p.).

Os mendigos eram também muito numerosos. A maioria se encontrava concentradas em Jerusalém, em torno do templo e viviam das esmolas das pessoas piedosas.

A enorme distância existente entre a classe rica e a humilde, e o porte reduzido da classe média fazia que não existisse para os pobres esperança de promoção humana, nem tivessem meios para mudar sua situação, dependiam sempre da vontade dos poderosos. O pobre era o oprimido que desejava ardentemente justiça, e que, em casos extremos recorria à violência, único meio de aliviar a sua situação, embora fosse questão de momento.

No final do Antigo Testamento e próximo a chegada de Jesus, aparece entre estes pobres com uma necessidade mais extrema ainda, a dos “pobres de Javé”, mediante a qual desesperados de toda ajuda humana, punham sua confiança em Deus, o único capaz de lhes fazer justiça e de tirá-los de sua miséria. De fato, até a época de Jesus, tal justiça não chagara. (MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 24-26; DRANE, FIELD, MILLARD, 1985, p. 28-31).

### 1.1.2.1 O Templo

O templo, situado em Jerusalém, era o centro religiosos e político de Israel. O esplendor do templo de Herodes era extraordinário. Com grande quantidade de ouro, prata e bronze. No templo, celebrava-se culto diário, que consistia de dois sacrifícios de animais, o da manhã e o da tarde. Mas, os momentos de esplendor do culto eram as grandes festas religiosas judaicas, especialmente as da Páscoa, Pentecostes e Tendas (ou Tabernáculos), de que todos os judeus, a partir dos treze anos, tinham que participar em peregrinação. Nessas ocasiões, Jerusalém via imensamente multiplicada a sua população. O templo se sustentava graças às contribuições dos judeus de todo o mundo. Todos os maiores de vinte anos, tinham que pagar o imposto anual para o templo equivalente a dois dias de trabalho (cf. Mt 17,24 *in* BÍBLIA, 2006).

Na Palestina e no estrangeiro, um mês antes da Páscoa, colocavam-se por todo o país as mesas dos cobradores e, dez dias depois, se instalavam as mesas no templo. Em cada localidade, havia pessoas designadas para cobrar o imposto do distrito, ou enviá-lo diretamente ao templo. Se não pudesse pagá-lo em moeda legítima deveria se pagar uma taxa adicional de dois por cento para os cambistas. (MATEOS, CAMACHO, 1992, p.27-29)

Para facilitar o transporte do estrangeiro para Jerusalém permitia-se trocar as quantias do imposto em moedas de ouro. A entrega se realizava em três ocasiões no ano: o imposto procedente da Palestina, quinze dias antes da festa da Páscoa. Para as comarcas vizinhas, o prazo terminava quinze dias antes da festa de Pentecostes. O imposto das regiões distantes devia ser entregue quinze dias antes das festas das Tendas, que se celebrava em setembro.

Além disso, o templo recebia donativos (cf. Mc 7,11 *in* BÍBLIA, 2006) e abundantes esmolas, sobretudo das pessoas ricas (cf. Mc 12,41 *in* BÍBLIA, 2006), e outros dons voluntários, que eram aceitos até quando provenientes de não-judeus. Outros recursos procediam do comércio organizado de animais destinados aos sacrifícios e da troca de moeda estrangeira, considerada impura por trazer a imagem do imperador (cf. Mc 11,15 *in* BÍBLIA, 2006).

O tesouro do templo funcionava como banco. Nele se depositavam bens de particulares, principalmente da aristocracia de Jerusalém, em especial das altas famílias sacerdotais. Os fundos do templo, unidos às suas propriedades em terrenos e sítios, faziam dele a maior instituição bancária da época. Era administrada pelos sumos sacerdotes, que não só detinham o poder político e religioso, mas eram ao mesmo tempo potência financeira.

A cidade de Jerusalém vivia praticamente do templo, que conseguia grandes lucros, principalmente nas épocas de peregrinação, três vezes ao ano, quando acorriam, além dos judeus da Palestina (cf. Jo 7,9-10 *in* BÍBLIA, 2006), peregrinos do estrangeiro (cf. Jo 12,12 *in* BÍBLIA, 2006). (MATEOS, CAMACHO, 1992, p.27-29)

### **1.1.2.2 A Sinagoga**

A palavra “sinagoga” significa antes de tudo “reunião” e daí passou a designar a sala ou edifício onde se realizava. A reunião se celebrava no sábado, e seu objetivo principal era instruir o povo na Lei mediante seus ensinamentos e explicações. Fora dos sábados, a sinagoga funcionava como escola para as crianças. Organizavam-se também círculos de estudo para que os jovens conhecessem mais ao fundo a Escritura.

As sinagogas costumavam ser construídas fora das cidades, perto da margem de rio ou junto ao mar, de forma que todos pudessem realizar a loção ritual prescrita antes de participar no serviço religioso. O serviço religioso dos sábados começava com a recitação do famoso texto “Escuta Israel” (cf. Dt 6,4-5 *in* BÍBLIA, 2006). Prosseguia a oração pública dirigida por um dos membros da reunião, a que o povo respondia. Em seguida, fazia-se a leitura da Lei e dos Profetas e um letrado predicava sobre a leitura feita; para terminar, se houvesse sacerdote presente, dava-se a bênção; se não houvesse, o sacristão simplesmente recitava a fórmula. (DUPRAT, 1997, p.14-17)

Nas cidades ou povoados de população predominantemente judaica, a vida civil era regida por um conselho de anciãos (presbíteros) ou conselheiros, todos eles judeus. Desempenhavam o papel de juízes também nos assuntos religiosos e provavelmente a eles competia pronunciar a sentença de excomunhão ou exclusão da comunidade, a qual impedia a pessoa de participar na reunião da sinagoga.

Além dos anciãos havia na sinagoga funcionários especialmente designados para atender a certos assuntos concretos. Para as leituras bíblicas, a pregação e a oração pública não existiam encarregado fixo; no século I, estes serviços podiam ser desempenhados por qualquer membro competente da congregação. Existia o chefe da sinagoga, provavelmente eleito entre os anciãos, que supervisionava o serviço religioso e se encarregava dos assuntos da sinagoga. Também competia a ele designar o leitor que dirigia a oração, assim como convidar a pessoa idônea para que pregasse. Cabia-lhe, falando em geral, evitar que qualquer coisa de impróprio ocorresse na reunião e é provável que tivesse também a seu cargo a conservação do edifício.

O Servente ou sacristão era encarregado de receber as esmolas e também preparar os textos sagrados para o serviço religioso e devolvê-los a seu lugar uma vez terminado este. Também competia a ele anunciar o começo e o fim do sábado ao toque da trombeta. Quando o conselho dos anciãos condenava algum membro da comunidade ao castigo dos açoites, o sacristão era encarregado de executar a sentença; e ele ainda tinha a seu cargo a função de ensinar as crianças a ler. (DUPRAT, 1997, p.14-17)

No tempo de Jesus a vida inteira da comunidade judaica era presidida pela Lei de Moisés (a Torá). A finalidade de toda a educação ministrada na família, na escola e na sinagoga era converter em “discípulos do Senhor” (cf. Is 54,13 *in* BÍBLIA, 2006).

A lei continha o chamado “código de santidade” ou de pureza em virtude do qual, para manter a relação com Deus, era necessário precaver-se do contato com toda a realidade considerada “impura”. A pureza ou impureza eram normatizadas. Segundo a qualidade, existiam três classes de pureza ou impureza: a) em sentido físico, chamava-se “puro” ou “impuro” o que estava limpo ou sujo (um recipiente, por exemplo), certos animais que a lei proibia comer e todo cadáver de animal ou pessoa; b) em sentido médico, era “pura” a pessoa sadia e “impura” a afetada por alguma enfermidade, em especial as da pele, como a lepra, ou as venéreas, e c) finalmente, em sentido religioso, considerava-se “puro” o que era aceitável aos olhos de Deus e “impuro” o que não lhe era aceitável nem digno de apresentar-se diante dele.

Dessa exigência decorria um sem-número de normas para garantir a “pureza” e de ritos para eliminar a “impureza”. Como caso concreto, pode-se citar a obsessão pelas abluções ou loções rituais; em torno delas, o problema mais importante consistia em determinar que tipo de água se requeria para lavar as mãos, para lavar utensílios e para os banhos de purificação chegando a se distinguirem até seis tipos de água para estas finalidades. (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 257-258)

Da lei da pureza e da casuística que dela decorria nascia a ideia do Deus suscetível, meticuloso, que por motivos mínimos rompia sua relação com os homens, excluindo de seu amor os que não se atinham a este interminável conjunto de normas.

A lei do puro e impuro era causadora da discriminação que, dentro do povo de Israel, sofriam certas pessoas tais como os leprosos, os publicanos ou coletores, as prostitutas e os incrédulos em geral. Nenhum judeu piedoso tinha contato com eles, pois, em virtude de sua enfermidade, ocupação ou descrença, eram considerados “impuros”, isto é, excluídos das relações com Deus e de seu beneplácito. (GUNDRY, 2008, p. 83-85)

### 1.1.2.3 O Sábado

Assim disse Iahweh:

Guardai-vos por vossas vidas, e não carregueis peso no dia de sábado e não o façais entrar pelas portas de Jerusalém. Não façais sair um peso de vossas casas no dia de sábado e não façais trabalho algum, mas santificai o dia de sábado, como ordenei a vossos pais. Mas eles não escutaram nem inclinaram o seu ouvido, antes endureceram a sua cerviz para não escutarem e nem receberem o ensinamento. (Jr 17,21-22 in Bíblia, 2006 p. 1397)

A palavra sábado é praticamente uma transcrição do termo hebraico *šābbat*, que é aparentemente um derivado, embora irregular, do verbo *šābat*, “cessar”, e por extensão, “parar de trabalhar”, “descansar”. Esta é a etimologia apresentada da palavra dada em Gn 2, 2-3, mas a origem científica não está totalmente clara, nem a origem da própria instituição religiosa. O sábado (*shabbat*) é uma instituição divina: o próprio Deus descansou (*shabbat*) nesse dia. Entretanto, o vocabulário *shabbat* é evitado aqui porque, segundo o autor sacerdotal, o sábado só será imposto no Sinai, onde se tornará o sinal da aliança (Ex 31,12-17). (in Bíblia, 2006, p. 35; BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 1372)

Deus continuou avisando-os por intermédio do profeta Jeremias, dizendo-lhes: “não tragais cargas no dia de sábado ... nem façais obra alguma; antes, santificai o dia de sábado, como Eu ordenei a vossos pais” (Jr 17,21-22 in Bíblia, 2006 p. 1372). Mas, se não Me derdes ouvidos, para santificardes o dia de sábado... então, acenderei fogo... o qual consumirá os palácios de Jerusalém e não se apagará” (Jr 17,27 in Bíblia, 2006 p. 1372). Com o passar do tempo, a antiga Israel esqueceu-se de Deus e desintegrou-se como nação, formando os reinos separados de Israel e de Judá. Isso aconteceu antes de serem conquistados pelos invasores da Assíria e da Babilônia, respectivamente nos séculos oito e seis a.C. (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 1373)

O sábado ainda é mencionado em todas as tradições que constituem o Pentateuco: Código Eloísta (Ex 23,12), no Código Javista (Ex 34,21), nas duas versões do Decálogo (Dt 5,12-14 e Ex 20,8-10) e na Coleção Sacerdotal (Ex 31,12-17). (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 1373)

Dessa forma, a observância israelita do sábado é certamente antiga. Mais do que isso não podemos dizer no momento. O descanso sabático fora instituído para impedir que o homem fosse alienado pelo trabalho incessante e, ao mesmo tempo, para frear a exploração dos mais fracos, escravos e estrangeiros (cf. Dt 5,12-15 in BÍBLIA, 2006). (MATEOS, CAMACHO, 1992, 47-52 p.)

A relevância do sábado estava relacionada à aliança que Deus tinha feito com seu povo e era um dia consagrado a ele de forma especial. Inicialmente, foi simplesmente determinada. Primeiro em Dt 5,14b-15, enfatizam-se *fatores humanitários*: não se pode trabalhar sem o descanso, ao mesmo tempo, o aspecto religioso não é negligenciado: o sábado servirá como memorial da libertação do povo de Deus do trabalho escravo no Egito e sua condução ao “lugar de descanso” (cf. Sl 95,11). Segundo Ex 20,11 *expressa um motivo que reflete a atitude da escola sacerdotal*: “Deus concluiu no sétimo dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou, depois de toda obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação” cf. Gn 2,2-3; Ex 31,12-17). (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 1373)

A Observância do sábado se mostrava como sinal da aliança, a observância do sábado significava fidelidade à aliança, e era uma garantia de salvação (Is 58,13-14; Jr 17, 19-27); a não observância era equivalente à apostasia (Ex 31,14;35,2; Nm 15,32,36). Se o povo como um todo negligenciasse o sábado, Deus os puniria severamente (Ez 20,13; Ne 13,17-18).

Mas a observância do sábado nos dias antigos, não era tão rígida. O sábado era um feriado alegre, descontraído, predominantemente religioso, mas não demasiadamente restritivo. Durante o exílio, o sábado se tornou proeminente como o sinal distintivo da aliança. Depois do exílio, embora o sábado continuasse a ser um dia de descontração prazerosa, ele estava sujeito a restrições mais firmes.

Durante sua segunda visita a Jerusalém, Neemias reagiu vigorosamente à negligência do povo com relação às leis do sábado ordenando que os portões da cidade fossem fechados e extraíndo do povo uma promessa de fidelidade futura (Ne 10,32; 13,15-16.19-22). À medida que o tempo passou, as restrições foram multiplicadas até que, na época do Novo Testamento eram meticulosas. Dessa forma, especificaram trinta e nove atividades proibidas no sábado e cada uma das proibições exigia o desdobramento de todo um conjunto de normas que determinaram o significado e o alcance das mesmas, caindo em casuística interminável. (DRANE, FIELD, MILLARD, 1985, p. 22-23) (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 1374)

A perícopes de Mc 2,23-28 – As espigas arrancadas, mostra-nos a perseguição dos fariseus aos discípulos de Jesus que diziam, os discípulos infringiam a lei sobre o trabalho em relação ao sábado (cf. Mc 2,23-24). A resposta de Jesus consiste de uma analogia do AT e de afirmações diretas sobre o sábado (cf. Mc 2,25-28). A passagem poderia ter servido como argumento defensivo com o qual a protoigreja justificava sua liberdade em relação a

observância do sábado em seus debates com os judeus mais rigorosos como os fariseus. A justaposição dos ditos sobre o homem/Filho do Homem em 2,27-28 dá a perícopos um clímax cristológico e baseia a prática cristã referente ao sábado na autoridade de Jesus. 23- *Seus discípulos começaram a abrir caminhos arrancando as espigas*: Os fariseus criticaram os discípulos e não diretamente Jesus. Os discípulos ultrapassam a distância que era permitido caminhar e a ação é interpretada como trabalho. 24- *Os fariseus*: Porque os fariseus gastariam um sábado seguindo Jesus e seus discípulos não é explicado. 25- *O que fez Davi*: Ambos infringiram um mandamento; a comida proibida satisfaz a fome; e os incidentes envolviam grandes líderes que deu a permissão com o propósito de ajudar seus seguidores. Mas a violação do sábado não é coberta explicitamente pela analogia do AT. 27- *O sábado foi feito para o homem*: Este dito extraordinariamente radical tem o efeito de subordinar a observância do sábado às necessidades humanas. 28- *O Filho do Homem é o Senhor do sábado*: O caráter radical de 2,27 reduz o risco pela sugestão de que o “homem” para quem o sábado foi feito era o Filho do Homem, que em Marcos é Jesus. Esse versículo 28, que não aparece em Lucas, teria sido acrescentado por Mc numa época em que o novo espírito do cristianismo havia definitivamente relativizado a obrigação do sábado (cf. Lc 5,39+) (*in* Bíblia, 2006, p. 1762). (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2015, p. 77-78)

#### 1.1.2.4 Os partidos judaicos

Fizeram-se tentativas de identificar Jesus com quase todos os movimentos no judaísmo contemporâneo. Ele foi identificado por vários autores como o um fariseu. Outros o identificam como um saduceu (que rejeita o valor normativo da tradição oral dos fariseus), um essênio (que reúne o verdadeiro Israel da nova aliança nos últimos dias) ou um revolucionário (que anuncia o fim da ordem presente e o triunfo dos pobres).

A verdade é que Jesus, o judeu, tinha pontos de contato com quase todos os ramos do judaísmo, mas não era identificável com nenhum, visto que ele previa uma situação radicalmente nova para Israel. Ele não propôs a reforma da sociedade contemporânea dele. Entretanto, sua práxis “libertadora” em relação à lei e as prescrições religiosas não podia deixar de ter certos tons e implicações sociais. Em oposição aos revolucionários, Jesus ensinou o amor aos inimigos e não condenou o pagamento de impostos a Roma. Esse exemplo, a propósito, mostra que descrever Jesus como a um nacionalista ou um simpatizante revolucionário é uma tentativa mal orientada de torná-lo “relevante” para os movimentos de libertação atuais. (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2011, 1459-1460; HENGEL, 1973, p. 15-22 e 45-49; MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 24-26).

### 1.1.3 Expectativa do reinado de Deus

A esperança era que com a vinda do reinado de Deus que havia de mudar a história, libertando Israel de todas as suas opressões social, política, e religiosa, se desse início uma época de justiça, paz e prosperidade anunciada pelos profetas, principalmente a partir da amarga experiência do exílio na Babilônia.

Para alguns círculos, a salvação seria obra direta de Deus. Os fariseus, esperavam um Messias-mestre segundo Moisés, que haveria de explicar os pontos obscuros da Lei e impor a observância. Nos círculos essênios, o acento recaía sobre um messianismo de tipo sacerdotal, acima do político. No entanto, a expectativa mais difundida era a de um Messias político, “o filho/sucessor de Davi”. Outra expectativa poderia ser: o reinado de Deus seria inaugurado pelo messias, líder consagrado por Deus, rei de Israel restaurador da monarquia de Davi, guerreiro vitorioso que expulsaria os romanos, derrotaria e humilharia as nações pagãs. Ele seria o guardião e mestre da lei (cf. Jo 4,25 *in* BÍBLIA, 2006), o juiz que purificaria o povo e inauguraria a época em que não haveria nem pobres nem oprimidos, quando todas as instituições, rei, templo, sacerdotes, tribunais, funcionariam como deveriam (DRANE, FIELD, MILLARD, 1985, p. 20-23; MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 85-88).

## 1.2 Os Milagres de Jesus e a pregação do Reino de Deus

Ao inaugurar sua pregação em Nazaré, Jesus se apresenta como aquele que realiza a profecia de Isaías, colocando o acento de suas palavras e ações sobre a dimensão do amor e da misericórdia pelos últimos. Ele foi a Nazaré, onde fora criado, e, segundo seu costume em dia de sábado, entrou na sinagoga e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; abrindo-o, encontrou o lugar onde está escrito:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. (Lc 4,16-21)

Portanto, o sentido dos milagres de Jesus não pode ser compreendido fora da sua proclamação do Reino de Deus. O ministério na Galileia começa com esse oráculo do profeta Isaías que Jesus aplica a si mesmo. De acordo com o evangelista Lucas, aquelas palavras na sinagoga de Nazaré, no início de seu ministério público; são como um título colocado no início de todo o evangelho: Esta é a minha missão e estes são os meus destinatários!

O Reino anunciado significa a libertação de todas as dominações e escravidões; expressa-se em paz e alegria do Espírito, como diz São Paulo. (CANTALAMESSA, 2012, p. 616) O Reino de Deus é uma “atitude do Espírito”, um modo de ser pobres. É colocar o Reino de Deus acima de tudo e a renunciar a tudo por ele. O que significaria o convite a se tornar crianças? Por que o Magnificat opõe aos poderosos os humildes? Por que Jesus opõe os pequenos aos sábios? (cf. Mt 11,25 *in* BÍBLIA, 2006).

Isaías nos ajuda a descobrir quem são os verdadeiros pobres do evangelho; eles são “os pobres de Javé”, os pobres “diante de Deus”, que em sua aflição e sua pobreza se recordam dele e nele põem toda sua esperança e toda sua confiança. Esta pobreza diante de Deus é como estava o publicano no templo, como estava Maria, como estava a primeira comunidade cristã depois da Páscoa, “humildes sob a poderosa mão de Deus” (cf. 1Pd 5,6 *in* BÍBLIA, 2006; CANTALAMESSA, 2012, p. 615-617).

Jesus, desde o início de sua vida pública, escolhe homens para que juntos com Ele, participem de sua missão (cf. Lc 24,34; Mc 3,13-19 *in* BÍBLIA, 2006), e além de tomar parte dá-lhes também sua autoridade: “e enviou-os a proclamar o Reino de Deus e a curar” (cf. Lc 9,2 *in* BÍBLIA, 2006). Assim, permanecem eles para sempre associados ao Reino de Cristo, pois, Jesus dirige a Igreja por intermédio deles:

Mas, o anúncio do Reino não se resumiu aos doze. Todos são chamados a entrar no Reino, anunciado primeiro aos filhos de Israel (Mt 10,5-7 *in* BÍBLIA, 2006). Porém, para ter acesso a ele é necessário acolher a palavra de Jesus. O Reino de Deus pertence aos que o acolhem com um coração humilde. O envio do próprio Jesus é para “evangelizar os pobres” (cf. Lc 4,18 *in* BÍBLIA, 2006). Declara-os bem-aventurados, pois o Reino dos Céus é deles (cf. Mt 5,3 *in* BÍBLIA, 2006); foi aos “pequenos” que o Pai se dignou revelar o que permanece escondido aos sábios e aos entendidos. Jesus compartilha a vida dos pobres desde a manjedoura até a cruz; conhece a fome (cf. Mc 2,23-26 *in* BÍBLIA, 2006), a sede (cf. Jo 4,6-7 *in* BÍBLIA, 2006) e a indignância (cf. Lc 9,58 *in* BÍBLIA, 2006). E ainda, se identifica com os pobres de todos os tipos e faz do amor ativo para com eles a condição para se entrar em seu Reino. De acordo com Lucas, Jesus “veio procurar e salvar o que estava perdido” (19,10). (PAGOLA, 2012, p. 11-12)

### **1.2.1 Os prodígios do Reino de Deus**

Os sinais operados por Jesus vão significar que o Pai o enviou. Assim, Jesus acompanha suas palavras com numerosos “milagres, prodígios e sinais” (cf. At 2,22), que manifestam que o Reino de Deus está nele, ou seja, atestam que Jesus é o Messias esperado

(cf. Lc 7,18-23 *in* BÍBLIA, 2006). Dessa forma, os milagres fortificam a fé naquele que realiza as obras de seu Pai: testemunham que ele é o filho de Deus (cf. Jo 10,31-38 *in* BÍBLIA, 2006).

Jesus liberta as pessoas da fome, da injustiça, da doença e da morte, Jesus operou sinais messiânicos, não veio, no entanto, para abolir todos os males da terra, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado (cf. Jo 8, 34-36 *in* BÍBLIA, 2006), que os entrava em sua vocação de filhos de Deus e causa todas as suas escravidões humanas.

O relato lucano de 4,16-42, fornece uma definição do termo Reino de Deus. O reinado de Deus significa a derrota do mal em benefício de todos. E este reinado é efetuado pelos ensinamentos e poderosos feitos de Jesus, o Santo de Deus, o Filho de Deus, o ungido de Deus. E Deus, que o enviou, está a favor da vida. Ele é, além disso, digno de confiança porque é fiel as promessas. (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2011, p. 1553-1554).

Toda missão teocêntrica de Jesus em palavras, ação, sua Paixão e Ressurreição, está a serviço do estabelecimento do Reino. O próprio anúncio de Jesus está na promessa indicativa da salvação de Deus que se realiza já agora em sua atuação messiânica e vence definitivamente as forças escravizantes do mal. (BERLEJUNG; FREVEL 2001, p.183)

Já presente em sua Igreja, o Reino de Cristo ainda não está consumado “com poder e grande glória” (cf. Lc 21,17 *in* BÍBLIA, 2006), pelo advento do Rei na terra. Esse Reino é ainda atacado pelos poderes maus, embora estes já tenham sido vencidos em suas bases pela Páscoa de Cristo. Enquanto tudo não for submetido a Ele, enquanto não houver novo céu e nova terra, nos quais habita a justiça, a Igreja peregrina leva consigo em seus sacramentos e em suas instituições, que pertencem à idade presente, a figura deste mundo que passa, e ela mesma vive entre as criaturas que gemem e sofrem como que dores de parto até o presente e aguardam a manifestação dos filhos de Deus. Por este motivo os cristãos oram, sobretudo na Eucaristia, para apressar a volta de Cristo, dizendo-lhe: “Vem Senhor” (cf. Ap 22,20 *in* BÍBLIA, 2006). (MATEOS, CAMACHO, 1992, p. 175-176; BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2011, p. 1554)

Os milagres que é algo que supostamente aconteceu e não tem explicação à luz da ciência, fato inexplicável, e as curas que é o restabelecimento da saúde, o livrar-se da doença, que eram realizadas por Jesus têm um grande significado para a cristologia e para o conhecimento do próprio Jesus histórico. Não podemos entendê-lo sem levar em consideração a sua atividade taumatúrgica. Ele não só fez milagres, mas também enviou seus discípulos para anunciar o Reino de Deus, curar os enfermos e expulsar os demônios. E até mesmo os

relatos sobre os apóstolos seriam incompletos caso se pretendesse omitir esta dimensão ou silenciar a seu respeito.

De fato, os milagres e as curas, são parte essencial dos próprios Evangelhos. Lucas, por exemplo, define o conteúdo do seu Evangelho como “o que Jesus começou a fazer e a ensinar”. E entre estas coisas que Jesus fez foram os milagres, em especial as curas que operou. Assim, os milagres e as curas, são parte integrante do Evangelho de Lucas e sem elas a mensagem estaria incompleta e truncada. É nos milagres e nas curas de Jesus que a boa nova aos pobres se torna mais concreta. (BERGUER, 2004, p. 5; MIRANDA, 2002, p. 143)

Segundo Bautista, os estudiosos advertem que é prudente lembrar a evolução dos milagres nas narrativas evangélicas e descobrir: 1. O sentido original ou pré-pascal; 2. O sentido pós-pascal, à luz da ressurreição; 3. O sentido da teologia do autor do evangelho (BAUTISTA, 1997, p. 128)

Existe uma variedade de termos hebraicos e gregos que se escondem por trás de nossa palavra milagre. No Antigo Testamento o binômio *Mofetin* e *Otot* (hebraico) e *Térata* e *Seméia* (grego) significam: ato de poder. *Gedulot* (hebraico) e *Megaléia* (grego): façanhas. No Novo Testamento dá-se clara preferência a *Dynamis*, *Seméia* e *Erga*. Pretende-se evitar *Thaumasía* (que causa admiração e temor). O verbo *Thaumaso* é pouco usado (cf. Mt 8,27; 9,33; 15,31; Mc 5,20). A língua portuguesa agrupou todos esses termos na palavra “milagre”, relacionada etimologicamente ao verbo latino *Miror* (admirar), que traduz somente o verbo grego *Thaumadso*, justamente o menos usado no Novo Testamento. A palavra milagre deriva do radical *miraculu*, admirar – *admirare*, maravilha – *mirabilia*. (BAUTISTA, 1997, 129)

Por milagre entendemos uma ação surpreendente de Jesus e dos primeiros cristãos, numa situação sem saída, na qual as pessoas de fé captaram um sinal evidente da presença e ação de Deus (VENDRAME, 2001, p.79).

O milagre é caracterizado por uma extrema aceleração dos processos normais de cura (CLARET, 1994, p.33). Um milagre é, portanto, um ato de Deus que por seu poder e seu caráter excepcional nos leva à admiração e ao espanto (NOLAN, 1987, p. 57).

Em diversas passagens como em Mc 1,44; 3,12; 5,43; 7,36, e outras) há uma persistente ordem de Jesus para que o segredo do milagre não seja revelado, o chamado “Segredo Messiânico”, após o milagre. Apesar de ser normal em Marcos, resulta curiosamente ineficaz em Mateus. Não que a ordem de Jesus não continue, mas sem força. E em Mateus (cf. 9,30). O objetivo de Jesus com o pedido do “Segredo Messiânico” é esconder a sua glória para não se identificar com o messias político. Deve-se chegar ao Cristo glorioso,

passando antes pelo Cristo crucificado. O milagre, sinal de poder, se inscreve num mistério divino de fragilidade. (BAUTISTA, 1997, p.129)

Jesus, através dos seus milagres, resgatou além do sinal messiânico, o sinal de salvação, pois do contrário, seria praticamente impossível anunciar a boa nova e não dar importância devida à dor e ao sofrimento do seu povo. Os milagres realizados por Jesus nunca foram negados em seu meio, nem tampouco posteriormente no judaísmo.

Os milagres sempre são situações polêmicas que além de irem de encontro a naturalidade dos fatos, trazem para o homem alguns questionamentos: Será que as narrativas de milagres, são um desejo infantil de fugir da realidade? O milagre é compatível com a verdadeira fé na encarnação?

Já para os contemporâneos de Jesus, os milagres não eram um acontecimento raro, visto como uma anomalia. Para eles, a ação sobrenatural de Deus não se distingue do jogo das leis naturais da criação. Deus, Senhor dos elementos e da história, pode comunicar o seu poder quando quer, como quer e a quem quer. Diante de um prodígio, o homem bíblico não questiona a possibilidade, mas o sentido do prodígio.

Os milagres de Jesus, são consubstancialmente reveladores de que Deus age de modo definitivo através de Jesus. Anunciam que se completaram os tempos e que o diálogo, já inaugurado, entre Deus e o homem continua sempre.

Assim, através dos milagres de Jesus, a comunidade cristã viu nos milagres a manifestação de Deus que, em Jesus, se revela entre os homens, contra os poderes maléficos; sinais messiânicos operados por Jesus; “sinais” que Deus faz a todo homem para que entre em contato salvífico com ele. Atos de absoluta liberdade de Deus e da superabundância do seu amor; sinais cristológicos tendo Jesus como arauto e promotor do Reino de Deus. Sinais escatológicos que anunciam a consumação dos tempos messiânicos (LÉON-DUFOUR, 1987, p. 353-379)

As curas realizadas por Jesus e pelos discípulos são designadas com diversos nomes e apresentadas como milagres pelos hagiógrafos. Elas representam a quase totalidade dos fatos miraculosos.

Segundo o autor Alfons Weiser, no seu livro - O que é Milagre na Bíblia - (WEISER, 1995 p.17-21) – Milagres são acontecimentos estranhos, que o crente entende como sinais da ação salvadora de Deus. De acordo com o autor existe um abismo intransponível que a linguagem moderna atribui à palavra “milagre” e aquilo que a Antiguidade e a Bíblia designam por milagre. Na Antiguidade o milagre está ligado à experiência do divino que aparece como elemento principal, enquanto a excepcionalidade

como elemento secundário. Já na Bíblia a experiência de Deus, que age na história e realiza a salvação definitiva em Jesus aparece com elemento principal. Nos dias de hoje a experiência de Deus aparece como elemento secundário, e a excepcionalidade aparece como elemento principal.

Quando se admite a possibilidade de alguma relação entre Deus e o milagre, sua ação é considerada, às vezes, como uma intervenção, feita de fora, no curso natural dos acontecimentos.

Nos dias de hoje, muitas coisas que eram consideradas como milagres estão sendo vistas como não milagres, por causa de seu caráter não-extraordinário e explicável, hoje, dado ao progresso do conhecimento humano, encontra-se inteira explicação e, por isso, não pode ser tida como milagre. Nesta perspectiva deve perder, dia após dia, e muito justificadamente, a sua importância. O progresso vai cada vez mais relegando para a periferia o milagre enquanto visto apenas sob o aspecto da excepcionalidade (WEISER, 1995 p. 9-17).

Na bíblia, segundo Albert Nolan, no seu livro *Jesus antes do cristianismo*, (NOLAN,1987, p.59) nos diz que: “milagre é fato extraordinário entendido como extraordinário ato de Deus, uma de suas obras poderosas”. A própria criação já é um milagre, o crescimento de uma simples árvore, o grão de mostarda que é a menor semente e gera à maior árvore, a libertação dos israelitas no Egito e o Reino de Deus, tudo isso é um milagre.

Milagre é, portanto, um ato de Deus que por seu poder e seu caráter excepcional nos leva a admiração e ao espanto. Como tal pode ser chamado, e na Bíblia é frequentemente chamado assim, de sinal, um sinal do poder e da providência de Deus, de sua justiça e misericórdia, de sua vontade de salvar e libertar. (NOLAN, 1987, 51-59)

O próprio nome de Jesus é a versão grega do hebreu *Yeshu'a*, forma tardia de *yehosu'a* que significa: Deus é ajuda, saúde, salvação (cf. Mt 1,21; Lc 1,69 e 1,79). Portanto suas palavras são sadias, saudáveis e terapêuticas: “Senhor, tu tens palavras de vida eterna” (cf. Jo 6,68; BAUTISTA, 1997, p.10)

Quando falamos em milagres, logo pensamos em algo de espetacular, que impressiona, por ser algo fora do comum. Mas, quando pensamos nos milagres que Jesus realizou, entendemos como uma ação surpreendente de Jesus e dos primeiros cristãos, numa situação sem saída, na qual as pessoas de fé captaram um sinal evidente da presença e ação de Deus (BAUTISTA, 1997, p.190-192).

Os milagres são divididos em milagres relativos à natureza (pão, vinho, peixes, mar) e milagre relativos às pessoas; mas também os que têm por objeto a natureza são sempre realizados em favor das pessoas.

Na perspectiva rabínica, por exemplo, o milagre já está previsto e ordenado pelo próprio Deus no momento da criação. Tudo funciona segundo essa ordem primordial, perfeita, eterna, imutável que inclui a ordenação de todas as coisas, ordinárias e extraordinárias, como aparecimento do maná no momento oportuno e a abertura da boca da mula de Balaão que ele faria na hora certa para censurar o profeta (cf. Nm 22,28; VENDRAME, 2001, 146)

Segundo Karl Barth todo milagre é uma mensagem de conscientização e renovação social, e o sintetiza assim: “*Mens sana in corpore sano sed in societate sana*” (BAUTISTA, 1997, p. 17)

No sentido bíblico, somente existem milagres em narrativas acerca de profetas ou de figuras semelhantes e de enviados de Deus. Isso significa que em uma narrativa de milagres temos sempre, referente ao seu sentido, três partidos. Primeiro, Deus enviou um profeta e o dotou com o pleno poder de operar milagres. Segundo o profeta representa Deus e é propriamente, o fazedor de milagres. O terceiro partido, por sua vez, é o destinatário, aquele a quem se dirige o milagre; este pode ser representado por uma quantidade maior de pessoas, como por exemplo, nas histórias de milagres de alimentação (BERGUER, 2004, p.45)

Ainda no sentido bíblico de milagre é diferente também do conceito que dele tinha o mundo pagão. Isso se deduz inclusive da terminologia: o novo Testamento não usa o termo grego *thauma*, que sublinha o caráter prodigioso, que provoca estupor e curiosidade, mas os termos *semeion* (sinal, que evoca a origem divina do evento); *dynamis* (ato de força). *Erga tou Christou ou tou theou* (ações de Cristo, ações de Deus). *Teras*, que por si significa prodígio, vem sempre acompanhado do termo *semeion* (BAUTISTA, 1997, p.129)

Na Bíblia, as curas dos doentes são atos prodigiosos, mas que assimilam a presença e ação de Deus que vence o mal. Para discernir quem está por trás dos eventos prodigiosos, é necessário prestar atenção aos efeitos: pelos frutos se conhece a árvore. Jesus está no centro da luta contra tudo o que prejudica a pessoa humana. (VENDRAME, 2001, p.101. LÉON-DUFOUR, 1987, p 353-379).

Satanás amarra, divide, escraviza, amedronta, aliena e destrói; Cristo liberta, torna a pessoa responsável, une, traz vida, infunde coragem, alegria e entusiasmo (BAUTISTA, 1997, p.10-13).

Assim, a atitude de Jesus para como os doentes: (1) Revela o amor de Deus, rico em misericórdia; (2) Entende vencer todas as forças do mal que fazem o homem sofrer e deformam sua imagem, obra-prima da criação; 3- Quer que o homem, em todas as suas dimensões, e todos os homens sejam livres e gozem de vida plena (BAUTISTA,1997, p. 25).

Nos evangelhos encontramos também a cura miraculosa dita de legitimação, como a cura da mulher encurvada. Ele é sempre movido pelo amor e se recusa a realiza-los, mesmo que sejam para legitimar sua missão, quando são pedidos por motivos alheios ao bem das pessoas (cf. Mc 8,11-26 *in* BÍBLIA, 2006). (VENDRAME, 2001, p.102-103)

Para Jesus, o homem é um valor em si mesmo, independentemente de sua conduta moral. As curas miraculosas revelam seu amor, no homem vivente manifesta-se a glória de Deus. não é propriamente a doença – se bem que esta abre os olhos sobre a transitoriedade dos bens deste mundo - mas é a cura que leva a pessoa à fé, à conversão do coração e à comunhão. Embora as “obras” e os “sinais” revelem o mistério e o poder da pessoa de Jesus – o evangelho, sobretudo o de João, põe muitas vezes em destaque essa verdade (cf. Jo 2, 11.23; 5,36; 6,14) (cf. Mc 8,11-26 *in* Bíblia 2006; VENDRAME, 2001, p. 101).

O debate atual sobre os milagres de Jesus segue a tendência de estabelecer como eixo central a “questão hermenêutica”. R. Bultmann afirma que a comunidade cristã primitiva “tinha certeza de que Jesus operou milagres”. Ele repropõe explicitamente o problema do “sentido” dos milagres no manifesto da “demitização” de 1941 e o resolve no horizonte a interpretação existencialista. O sentido do milagre deve ser situado no contexto do “paradoxo da fé: no fato de que a fé interpreta como obra de Deus o acontecimento que pode ser verificado no seu contexto natural e histórico. Só uma fé com estas características é uma fé autêntica no milagre” (ZERWICK, 1997 p.10-11).

O bom samaritano teve compaixão, comoveu-se (Lc 10,33 *in* BÍBLIA, 2006). Lucas usa o verbo *splanchnízomai* para exprimir seus sentimentos. Viu a multidão e sentiu compaixão (*esplanchnísthe*) porque estava cansada e abatida como ovelhas sem pastor (Mt 9,35s. *in* BÍBLIA, 2006). Realmente, em Jesus apareceu a benignidade e a humanidade de Deus nosso Salvador (cf. Tt 3,4 *in* BÍBLIA, 2006).

Jesus não questiona, não julga, não interpreta mal, não condena; ele convida a olhar para o futuro, para a bondade de Deus que sabe tirar o bem do mal, como disse a respeito do cego de nascença: “nem ele pecou nem seus pais, mas com isso se irão manifestar as obras de Deus” (cf. Jo 9,3 *in* BÍBLIA, 2006).

Assim a cura não significa apenas sarar de uma enfermidade física ou psíquica, mas um abrir-se da pessoa a Deus e aos outros, um recomeçar a viver em uma nova dimensão, com um coração novo e renovado entusiasmo (VENDRAME, 2001, p. 141-143).

### 1.2.2 A abordagem de Jesus às pessoas e o papel da fé

Sendo Jesus a manifestação do amor de Deus, sua aproximação só poderia ser a expressão de tão grande amor. Ele próprio, com a parábola do bom samaritano, nos mostra como age quem tem um coração misericordioso capaz de amar, de sentir compaixão e comover-se em face dos sofrimentos dos outros.

A presença de Jesus, proporciona saúde e salvação a todos, mesmo a mais deplorável. Lembremos também a aproximação de Jesus aos doentes, aos estrangeiros e viúvas e os que estavam a margem da sociedade, mostrando oposição a uma espiritualidade de separação ritual de sua época, para mergulhar-nos numa espiritualidade de comunhão.

O encontro de Jesus com os doentes era libertador; dele se desencadeava uma energia divina que curava indistintamente a todos (cf. Lc 6,19 *in* BÍBLIA, 2006), santos e pecadores.

Na época de Jesus as doenças eram ligadas ao pecado ou a impureza. Em Lc 5, 17-26 (*in* BÍBLIA, 2006), na cura do paralítico, Jesus perdoa os seus pecados antes de curá-lo. Em Mt 9,5-8 (*in* BÍBLIA, 2006) Jesus disse: “Com efeito, que é mais fácil dizer: ‘teus pecados são perdoados’, ou dizer ‘levanta-te e anda’. Pois bem, para que saibais que o Filho do Homem tem poder de perdoar os pecados... disse então ao paralítico: ‘Levanta-te, toma tua cama e vai para casa’”.

Os milagres e as cura confirmaram também o ministério da igreja primitiva. “Também das cidades vizinhas de Jerusalém acorria à multidão, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros, os quais eram todos curados” (cf. At 5,16 *in* BÍBLIA, 2006)

A atenção preferencial de Deus pelos sofredores era já ressaltada no Antigo Testamento como uma característica do futuro Messias. Em Ezequiel, Deus repreende severamente os pastores por não terem cuidado dos que sofrem: “Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente, não tratastes a ferida da que sofreu fratura, não reconduzistes a desgarrada, não buscastes a perdida; antes, dominais sobre elas com dureza e violência”. Como consequência, ele mesmo assumirá o cuidado do rebanho, enfaixará a ovelha ferida e curará a doente (cf. Ez 34,4 *in* BÍBLIA, 2006).

O Novo Testamento captou essa fonte mais pura do messianismo do Antigo Testamento, que representa o Salvador humilde, sofredor e da ternura de Deus (cf. Tt 3,4 *in* BÍBLIA, 2006). Jesus é o bom pastor que socorre a ovelha necessitada e perdida, “pois não são sadios, mas os doentes que têm necessidade do médico” (cf. Mt 9,12 *in* BÍBLIA, 2006). E Jesus vai curar as pessoas através da fé por meios unicamente espirituais, a isto chamamos de

cura pela fé cristã – orações de cura, intercessão, imposição de mãos, e outros no tratamento de doenças.

Quando João Batista estava preso, perguntou aos seus discípulos se Jesus era mesmo o Messias, e eles o encontram fazendo curas e Jesus lhes responde: “Ide contar a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o evangelho” (cf. Lc 7,22 in BÍBLIA, 2006).

Com Jesus as pessoas não são encorajadas a depositar a sua fé nele como um realizador de milagres, um milagreiro, mas a crer no poder de Deus presente n’Ele. Quando Jesus disse: “A tua fé te salvou”, deixou implícito que o doente precisava procurar a assistência de Deus e que a persistência da pessoa invocava o poder do amor curativo ativo em Jesus. “E disse: “Minha filha, a tua fé te salvou; vai em paz fique curada desse teu mal” (cf. Mc 5,34 in BÍBLIA, 2006); E disse: Vai, tua fé te salvou. No mesmo instante ele recuperou a vista e o seguia no caminho.” (cf. Mc 10,52 in BÍBLIA, 2006). Essa fé vinha do fato da pessoa ter sido curada, dos seus parentes (cf. Mc 7,24-30 in BÍBLIA, 2006) ou de amigos (cf. Mc 2,5; Mt 8,10 in BÍBLIA, 2006; BERGUER, 2004 p. 63-67)

Lucas traz um exemplo típico dessa perspectiva. É o comentário de Jesus a respeito da cura da mulher encurvada: “E esta filha de Abraão que Satanás prendeu há dezoito anos, não convinha soltá-la no dia de sábado?” (cf. Lc 13,16 in BÍBLIA, 2006).

O enfermo sabe que Jesus pode curá-lo e vai até Ele. Jesus leva seus contemporâneos a entender que “tudo é possível para Deus” (cf. Mc 10,27 in BÍBLIA, 2006), significa que “tudo é possível para qualquer um que tenha fé” (cf. Mc 9,23 in BÍBLIA, 2006; NOLAN, 1987, p. 54; BERGUER, 2004, p. 121-126)

### 1.2.3 A cura em sentido holístico

Hoje, é possível distinguir doenças físicas, psíquicas e espirituais. Na época de Jesus as doenças que conhecemos hoje como psíquicas eram facilmente consideradas possessões dos espíritos maus e, como todas as doenças, castigos de pecados pessoais.

Diante do mal, e suas manifestações pessoais e sociais, a cura operada por Jesus é sempre uma transformação profunda na vida das pessoas, uma verdadeira conversão. O doente não recebe só a *saúde*, mas também a *salvação* (VENDRAME, 1997, p. 144)

No relato da cura dos dez leprosos (cf. Lc 17,11-19 in BÍBLIA, 2006), o texto explicita que os dez foram curados (*ekatharísthesan*), mas só um foi salvo: aquele que teve fé e voltou para agradecer (tua fé te salvou: *he pistis sou sésoken se*, disse-lhe Jesus). Também na cura do paralítico de Cafarnaum, Jesus começa por lhe perdoar os pecados (cf. Mt 9,1-8

par. in BÍBLIA, 2006). No caso do endemoninhado de Gerasa, este fica salvo e são de mente, se assenta aos pés de Jesus e é enviado em missão (cf. Lc 35.39 in BÍBLIA, 2006). A cura holística transforma o doente: de curado ele se torna curador – *curador ferido* (VENDRAME, 2001, p. 144-145).

A importância religiosa e o sentido salvífico dos gestos terapêuticos de Jesus são percebidos em algumas narrativas evangélicas, nas quais a cura está intimamente ligada com o perdão dos pecados. Como no caso do paralítico de Cafarnaum, narrado na tríplice tradição (cf. Mc 2,1-12 e par in BÍBLIA, 2006).

O evangelista conta que, estando Jesus numa casa em Cafarnaum “anuncia a palavra” para a multidão que se apinha ao seu redor. Os quatro amigos fazem descer o paralítico do telhado um catre onde está deitado o homem doente. “Jesus, vendo a fé deles, diz ao paralítico: ‘Filho, os teus pecados estão perdoados’ (cf. Mc 2,5 in BÍBLIA, 2006) (DAL PINO, 1998, p. 87-88). Os escribas presentes reagem diante desta palavra de Jesus que se atribuiu um poder exclusivo de Deus. Jesus, recorrendo a um princípio “*qal wahmer, a minori ad maius*”, confirma o seu poder-direto, “*exousia*”, de perdoar os pecados, como o de curar, como todos podem ver. Por isso diz ao paralítico: “Eu te ordeno: toma o teu catre e vai para a tua casa” (cf. Mc 2,11 in BÍBLIA, 2006). A multidão presente, ao contrário dos escribas, reage de forma favorável e reconhece na palavra eficaz de Jesus o poder salvífico de Deus (cf. Mc 2,12 in BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 87-88)

### **1.3 A atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus na tradição evangélica**

#### **1.3.1 O léxico taumatúrgico nos evangelhos**

Para fazer um levantamento da atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus, como consta dos textos evangélicos, o primeiro passo é a análise de léxico correspondente. Os termos “taumaturgo” e “taumaturgia” correspondem exatamente aos termos gregos *thauma*, “fato maravilhoso”, e *ergon*, “obra”.

Entre as trinta vezes em que é citado o verbo *thaumazein* nos evangelhos sinóticos se refere à atividade de Jesus. São os discípulos e as multidões que ficam “assombrados” ou “admirados” diante dos gestos e das palavras de Jesus.

A ação de Jesus que no templo de Jerusalém cura “cegos e coxos” é designada com uma palavra de origem bíblica, *thaumasia* (cf. Mt 21,15 in BÍBLIA, 2006), que como *thaumastos* traduz na versão dos LXX a palavra hebraica *niphla ot*, as maravilhas de Deus. (DAL PINO, 1998, p. 66-67).

O sentido profundo assombro, que chega ao desnorreamento ou “extase” diante do comportamento de Jesus é descrito com o verbo *thambesthai* “assustar-se” (cf. Mt 1,27 in BÍBLIA, 2006) e com o substantivo *thambos*, “susto” (cf. Lc 4,36; 5,9 in BÍBLIA, 2006). Com maior frequência é o uso dos verbos compostos *existasthai*, “estar fora de si”, “ficar atordoado” (cf. Mc 2,12; 5,42; 6,51; Mt 2,23; Lc 8,56 in BÍBLIA, 2006) e *ekplessesthai*, “ficar assombrado”; este último verbo é usado sobretudo diante dos ensinamentos e gestos de Jesus. Após a cura do homem epilético, Lucas comenta: “e todos se maravilhavam com a grandeza de Deus” (cf. Lc 9,43 in BÍBLIA, 2006). E nesses contextos é o uso do verbo *phobeisthai*, “ser dominado pelo medo” (cf. Mt 9,8; Mc 4,41; 5,15; 8,25.35 in BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 66-67).

Deve-se observar o cuidado dos evangelhos quanto ao uso do binômio *semeia kai terata*, que traduz o hebraico ‘otôt u-mophetîn, “sinais e prodígios” onde se põe em relevo o aspecto espetacular ou impressionante dos “sinais”. O termo *teras* (no plural *terata*), aparece uma única vez em Mt 24,24 e em Mc 13,22, no contexto do discurso escatológico, quando os discípulos são alertados quanto à atividade taumaturgica dos falsos messias e dos falsos profetas. (DAL PINO, 1998, p. 66-68)

Além disso, na tradição evangélica sinótica consta a reação negativa de Jesus diante de um pedido de um “sinal do céu” por parte dos fariseus (cf. Mt 12,38-39; Mc 8,11-12; Lc 11,13.29-30 in BÍBLIA, 2006).

No contexto dos gestos taumaturgicos, o termo *dynamis*, no singular, aparece nove vezes. Em alguns casos está associado à *exousia*, poder, autoridade. Depois que Jesus libertou o possesso de Cafarnaum, Lucas nos faz notar a reação dos presentes: “O espanto tomou conta de todos e eles comentavam entre si: que palavra é essa? Ele manda nos espíritos mais com autoridade e poder, *en exousia kai dynamei*, e eles saem (cf. Lc 4,36 in BÍBLIA, 2006). É este “poder autoridade” que Jesus transmite aos doze enviados para a missão (cf. Lc 9,1 in BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 66-68)

### 1.3.2 O léxico terapêutico nos evangelhos

No grego clássico e helenístico os termos usados no campo semântico da *therapeia* indicam em primeiro lugar um “serviço” ou “cura”. O verbo *therapeuein* se concentra especialmente nos evangelhos e é usado no sentido de “ter cuidado dos doentes”. A tendência da tradição evangélica para destacar a atividade terapêutica de Jesus é confirmada pelo uso do verbo *iashai*, “curar”, unicamente com duas ocorrências nos evangelhos.

Uma única vez em Lc 13,32 encontra-se o substantivo *iasis* e seis vezes *iatros*, “médico”. Menos frequente é o uso do verbo *hyghiainein*, “curar”, que aparece em Lc 7,10. Em outros dois casos indicam os que estão “sãos”, que não precisam de médico, ou o filho que o pai da parábola teve de volta “são e salvo” (cf. Lc 5,31;15,27 in BÍBLIA, 2006). Mais frequentemente aparece o adjetivo *hygies*, “são”, “curado”. (cf. Jo 5,6-15 in BÍBLIA, 2006).

Os evangelhos ainda usam outros dois termos para descrever a atividade terapêutica de Jesus. *Katharizein / katharizesthai*, “purificar”, “ser reintegrado”, e *sozein / sozesthai*, “salvar”, “ser salvo”. O primeiro verbo está associado à atividade restauradora de Cristo (DAL PINO, 1998, p. 68-70).

### 1.3.3 Os “sumários” da atividade taumatúrgica de Jesus

São três os quadros panorâmicos da atividade taumatúrgica de Jesus apresentados no evangelho de Marcos e retomados com algumas modificações e adaptações de estilo pelos outros dois evangelhos sinóticos.

O primeiro se apresenta na “Jornada de Cafarnaum”, depois da cura da sogra de Pedro. (cf. Mc 1,32-34 in BÍBLIA, 2006). Esta atividade de Jesus está direcionada para dois objetivos: curas e exorcismos. Isto é confirmado pelo segundo “sumário”, narrado após a primeira série de controvérsias com os escribas e fariseus. “E todos os que sofriam de alguma enfermidade lançavam-se sobre ele para tocá-lo. E os espíritos impuros, assim que o viam, caíam a seus pés e gritavam: ‘Tu és o Filho de Deus’” (cf. Mc 3,10-12 in BÍBLIA, 2006). (DAL PINO, 1998, p. 71-73)

O terceiro sumário põe em destaque o “poder” de curar de Jesus, como se evidencia no caso da mulher que sofre de uma hemorragia crônica. Ela é curada imediatamente pelo simples contato com o manto de Jesus (cf. Mc 5,28-30 in BÍBLIA, 2006).

O terceiro Evangelho, além de retomar o primeiro sumário de Marcos (cf. Lc 4,40-41 in BÍBLIA, 2006), contém, a lista dos cinco gestos terapêuticos, referidos na resposta dada por Jesus aos enviados de João Batista (cf. Lc 7,21-22; Mt 11,4-5 in BÍBLIA, 2006). Além disso, só Lucas cita os textos de Isaías 61,1-2; 58,6, que dizem respeito à atividade terapêutica de Jesus no discurso programático de Nazaré (cf. Lc 4,18-19 in BÍBLIA, 2006).

Como conclusão à primeira visita de Jesus, em Jerusalém, por ocasião da festa judaica da Páscoa, o quarto evangelho afirma que “vendo os sinais que ele fazia, muitos acreditaram em seu nome” (cf. Jo 2,23 in BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 71-73).

### 1.3.4 A tipologia dos milagres e das curas de Jesus

Os “sumários” apresentados anteriormente da tríplice tradição evangélica subdividem a atividade taumatúrgica de Jesus em “curas” e “exorcismos”. Porém no texto paralelo de Lucas, afirma-se que Jesus, naquela mesma hora, antes de responder aos enviados de João Batista “curou a muitos de doenças, de enfermidades, de espíritos malignos, e restituiu a vista a muitos cegos” (cf. Lc 7,21 *in* BÍBLIA, 2006).

Deve-se observar, porém, que o terceiro evangelista não faz uma clara distinção entre “livrar dos espíritos malignos” e curar, como se pode concluir daquilo que consta do seu sumário: estavam com Jesus os Doze e “algumas mulheres que tinham sido curadas de espíritos malignos e de doenças”. Entre estas estava Maria, chamada Madalena, da qual “havia saído sete demônios” (cf. Lc 8,2 *in* BÍBLIA, 2006).

Entre estas “narrativas de cura” devem ser inclusas também os exorcismos e os cinco casos de ressurreição. Nem sempre é possível distinguir “exorcismo” e “cura”, sobretudo num contexto cultural no qual predomina a tendência a atribuir a “Satanás” os males e as desgraças que afligem as pessoas (cf. Lc 13,11.16 DAL PINO, 1998, p. 74-77).

Jesus interpreta os seus gestos taumatúrgicos e terapêuticos como “sinais” do Reino de Deus. O fenômeno dos exorcismos dos quais nos falam os textos evangélicos apresenta de forma clara o problema do “significado”, e do valor religioso dos gestos taumatúrgico de Jesus. (cf. Lc 13,11.16 DAL PINO, 1998, p. 74-77).

Em Mt 12,25-26 (*in* BÍBLIA, 2006) os fariseus vão contestar Jesus a respeito de sua ação de exorcismo dizendo que ele expulsa os demônios em nome de Belzebu o príncipe dos demônios, Jesus responde com uma breve parábola: “Todo o reino dividido em grupos que lutam entre si será arruinado. E toda a cidade ou família dividida em grupos que brigam entre si não poderá durar”. Tira, portanto, a conclusão: “Ora, se Satanás expulsa Satanás, ele está dividido contra si mesmo. Como poderá então seu reino subsistir?”.

O terceiro evangelho reproduz um texto semelhante ao de Marcos, com uma diferença na frase de Jesus: “Mas se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (cf. Lc 11,20 *in* BÍBLIA, 2006). A expressão “dedo de Deus” para significar força ou o poder de Deus, é mais conforme com a linguagem bíblica (cf. Ex 8,15; Dt 9,10 *in* BÍBLIA, 2006).

De qualquer forma, o sentido das palavras de Jesus no seu contexto é claro: os gestos poderosos com os quais Jesus destrói o “Reino de Satanás” e liberta os que são oprimidos pelo seu poder, são um sinal do domínio de Deus que agora está instaurando o seu Reino (cf. Mc 1,15; Mt 4,17 *in* BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 78-80).

### 1.3.5 O profeta escatológico

A missão de Jesus, na perspectiva do Reino de Deus e nos seus poderosos gestos de libertação e cura concretiza-se o domínio benéfico de Deus em favor dos pobres. Nessa categoria incluem-se os doentes com limitações físicas e psíquicas que os atingem e estão excluídos da vida social e religiosa. (DAL PINO, 1998, p. 81)

Essa imagem de Jesus está presente na tradição evangélica comum, especialmente nos contextos da atividade taumatúrgica (cf. 6,14 e par.). Jesus, com efeito, “pelo poder do Espírito Santo” “volta para a Galileia” e a percorre ensinando nas sinagogas. Em Nazaré, durante uma celebração litúrgica no sábado, proclama um texto do profeta Isaías, no qual lê-se:

O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Javé me ungiu. Ele me enviou para dar a boa notícia aos pobres, para curar os corações feridos, para proclamar a libertação dos escravos e pôs em liberdade os prisioneiros, para promulgar o ano da graça de Javé” (cf. Lc 4,18-19; Is 61,1-2a; 58,6 *in* BÍBLIA, 2006).

No contexto de Lucas, Jesus se apresenta como o profeta escatológico do qual fala o profeta Isaías. Ele é consagrado para levar “uma boa notícia aos pobres” e proclamar a libertação dos prisioneiros e oprimidos. No horizonte da tradição bíblica essas expressões, como a que se refere aos cegos, poderiam ser interpretadas num sentido “metafórico” como anúncio-proclamação da “salvação” de Deus (DAL PINO, 1998, p. 82-83).

### 1.3.6 O Servo do Senhor

A tradição de Isaías oferece a oportunidade ao primeiro evangelho canônico de reler sob o prisma religioso a atividade terapêutica de Jesus como conclusão dos três gestos de cura- o leproso, o servo do centurião e a sogra de Pedro – Mateus retoma o primeiro sumário de Marcos sobre a atividade de Jesus em Cafarnaum e faz sobre o mesmo um comentário com uma citação de Isaías, introduzida como conclusão: “Ao entardecer, trouxeram-lhe muitos endemoninhados e ele, com uma palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, a fim de se cumprir o que foi dito pelo profeta Isaías: ‘levou nossas enfermidades e carregou nossas doenças’” (cf. Mt 8,16-17 *in* BÍBLIA, 2006).

O texto profético é traduzido pelo evangelista com o objetivo de evidenciar a solidariedade eficaz e salvífica de Jesus em favor da humanidade curada “das enfermidades e doenças”, *astheneias/nosous*”. Onde o texto original hebraico de Is 53,4 mostra em “enfermidade e dores”, a versão grega dos LXX afirma: “Ele carregou os nossos pecados e

sofre por nós”. Também a interpretação do Targum (DAL PINO, 1998, p. 84) se inclina a espiritualizar o texto profético, pois afirma que “ele intercederá por nós, em favor da nossa culpa e os nossos pecados serão perdoados por causa do seu amor”. Em resumo, na atividade terapêutica de Jesus, o evangelista identifica a promessa de Deus que, na figura do servo, anuncia a salvação misericordiosa e solidária do Messias. (DAL PINO, 1998, p. 83-85)

A imagem do “servo”, escolhido e amado por Deus faz-nos lembrar a teofania do batismo, quando Jesus foi proclamado “Filho de Deus”, amado e servo fiel (cf. Mt 13,17 *in* BÍBLIA, 2006).

Com o “Espírito de Deus”, ele manifesta e concretiza a “justiça” salvífica de Deus para benefício de todos, mas realiza tudo isso dentro do estilo de solidariedade e de compaixão, próprio do Messias “manso e humilde de coração” (cf. Mt 11,29 *in* BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 83-85).

Anteriormente, na análise da linguagem taumatúrgica, foi assinalado o uso do léxico evangélico intimamente ligado com os gestos de Jesus, denominados na tradição evangélica como *dynameis*. É especialmente no evangelho de Lucas que aparece como preferência o termo *dynameis* para apresentar a força de cura que emana de Jesus. No caso do paralítico de Cafarnaum, o terceiro evangelho observa que Jesus estava ensinando. “(...) E ele tinha um poder do Senhor para operar curas” (cf. Lc 5,17 *in* BÍBLIA, 2006).

No sumário da atividade taumatúrgica de Jesus, no qual Lucas está em harmonia como texto de Mc 3,7-12 e com o de Mt 4,23-25, afirma: “E toda a multidão procurava tocá-lo, porque dele saía uma força (*dynameis*), que a todos curava” (cf. Lc 6,19 *in* BÍBLIA, 2006).

Esta imagem de Jesus que cura com a sua “força” deve ser completada com aquilo que tanto o terceiro evangelho quando os demais colocam em grande evidência. É a palavra eficaz de Jesus que liberta os possessos do demônio e restitui a saúde aos doentes (cf. Mc 1,22 *in* BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 88-89).

A atual estrutura das narrativas evangélicas de curas segue um esquema fixo que se encontra também nas histórias de milagres narradas nos documentos judaicos helenistas da época: situação do doente, intervenção do taumaturgo-terapeuta, constatação da cura, reação e comentário dos presentes. No pano de fundo esta estrutura estereotipada, em parte condicionada pela mesma experiência, é possível, porém identificar algumas características distintivas da ação taumatúrgico-terapêutica (DAL PINO, 1998, p. 88).

### 1.3.7 A cura à distância e a cura por contato

A “autoridade” e a eficácia da palavra de Jesus “que cura” aparecem em algumas narrativas de cura à distância. Na tradição de Marcos e Mateus está registrada a cura da filha de uma mulher que não é do povo judeu (cf. Mc 7,24-30; Mt 15,21-28 *in* BÍBLIA, 2006). Na dupla narração evangélica atribui-se uma grande importância à fé extraordinária da mulher pagã. Esta é a única condição para sentar-se à mesa dos filhos de Israel. A mesma temática se encontra na narrativa paralela de Mateus e Lucas, que relatam o mesmo episódio do centurião de Cafarnaum, com algumas variações redacionais (cf. Mt 8,5-13; Lc 7,7-10 *in* BÍBLIA, 2006).

A declaração conclusiva de Jesus exalta a fé do pagão como verdadeira fé salvífica. Pode-se dizer que o verdadeiro “milagre” é o pagão que chega à fé (DAL PINO, 1998, p. 90).

Já na cura por contato esse encontro se concretiza através dos gestos e das palavras. Nos textos evangélicos relativos à atividade terapêutica de Jesus, adquirem uma importância de primeira ordem os contatos com as “mãos”, ou com a “mão”. São aproximadamente 20 textos de curas nas quais Jesus impõe a mão ou as mãos, toca o doente com a mão ou o toma pela mão. A expressão “impor a mão ou as mãos” nos textos evangélicos equivale a “curar os doentes” (cf. Mc 5,23; e par.; 6,5; 7,32; 8,23.25; Lc 4,40 *in* BÍBLIA, 2006).

O gesto de “impor as mãos” tem um valor simbólico, que encontra suas raízes na tradição bíblica. Ele indica o “poder” e a “vontade” de curar, e outras conotações, como “proteção” e “segurança”. Esse aspecto aparece com evidência na narrativa de Lucas da mulher encurvada há 18 anos. Jesus a chama para junto de si e lhe diz: “Mulher, estás livre de tua doença”, e impõe as mãos sobre ela. “No mesmo instante ela se endireitou e glorificava a Deus. (cf. Lc 13,12-13 *in* BÍBLIA, 2006).

Em alguns casos Jesus estabelece um contato físico, que manifesta o seu envolvimento ou sua intenção terapêutica, como aparece no episódio do leproso: “se queres, tens o poder de purificar-me” Jesus estendeu a mão, tocou-o e lhe disse: “Eu quero, sê purificado (cf. Mc 1,41 e par. *in* BÍBLIA, 2006). No caso da sogra de Pedro se diz expressamente que Jesus se aproximou dela, tomando-a pela mão e fazendo-a levantar-se (cf. Mc 1,31 e par. *in* BÍBLIA, 2006). O mesmo gesto é repetido na ressurreição da filha de Jairo (cf. Mc 5,41 e par. *in* BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 91-92).

Jesus constituiu o grupo dos “Doze” para realizar o seu projeto de convocação de todo o povo de Israel. Jesus associa estes discípulos ao seu estatuto de enviado messiânico.

Dessa forma, Jesus dá a eles “o poder, *exousía* de expulsar os demônios” (cf. Mc 6,12-13 *in* BÍBLIA, 2006), e de curar todas as espécies de doenças e de enfermidades, “*therapeuein pasan noson kai pasan malakian*” (cf. Mt 10,1; 9,35 *in* BÍBLIA, 2006). A missão dos discípulos reforça a missão de Jesus: eles proclamam que o povo se converta, expulsam os demônios e ungem com óleo muitos enfermos e estes ficam curados (cf. Mc 6,12-13 *in* BÍBLIA, 2006).

A mesma passagem se encontra subentendida na versão de Lucas. Os “Doze” convocados por Jesus recebem “poder e autoridade sobre todos os demônios e para curar as doenças, *kai nosous therapeuein*”. Eles são enviados para “anunciar o Reino de Deus e curar os enfermos *iasthai tous astheneis*” (cf. Lc 9,1-2 *in* BÍBLIA, 2006). Eles anunciam toda a parte “a boa nova e realizam curas” *auanghelizomenoi kai therapeuontes* (cf. Lc 9,6 *in* BÍBLIA, 2006; DAL PINO, 1998, p. 80-81).

### **SÍNTESE DO CAPÍTULO:**

A atividade taumatúrgica de Jesus, de caráter terapêutico, situa-se numa perspectiva “religiosa”. Essa atividade de Jesus não deve ser separada dos outros gestos de solidariedade com os “pobres” e de acolhida dos pecadores. Os gestos executados por Jesus são “sinais” da “glória” de Deus e do seu compromisso de dar a “vida” como Cristo e Filho de Deus.

A atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus é inseparável do anúncio da “boa notícia”. Está ligada com a sua palavra que tem uma dupla função: hermenêutica e relacional; Jesus interpreta os seus gestos poderosos e os orienta na perspectiva do Reino de Deus; apela para a fé dos seus interlocutores como condição fundamental para a eficácia “salvífica” da sua ação.

A interpretação que Jesus dá aos seus gestos taumatúrgicos e terapêuticos os purifica e os subtrai do âmbito da magia que tende para um processo de reificação do “poder” que cura. De outro, serve de alerta contra a tentativa de exploração como espetáculo dos sinais de caráter apocalíptico, úteis a um messianismo de empolgação.

Nesse contexto deve-se colocar também o que se denomina “segredo”, ou “cautela messiânica” que acompanha alguns gestos de exorcismos e cura de Jesus.

A interpretação da atividade taumatúrgica e terapêutica de Jesus se situa num tríplice horizonte hermenêutico: a) O horizonte da ressurreição vista como vitória sobre a morte e como dom da plenitude de vida, prometida e antecipada nos sinais e gestos de Jesus;

b) O horizonte de criação, visto sob o prisma do duplo valor da perspectiva bíblica; c) A horizonte da relacionalidade: os gestos terapêuticos de Jesus reintegram pessoas na linha do amor compassivo e atuante; a ação terapêutica de Jesus revela o dinamismo do amor recíproco e gratuito.

Na linha de fundo deste tríplice horizonte podemos perceber as alternativas da ação taumatúrgica e terapêutica de Jesus. 1º- vislumbra-se uma antropologia pessoal unitária e dinâmica, aberta para o transcendente. 2º- percebe-se o risco de interpretações restritivas, seja de quem interpreta os gestos terapêuticos de Jesus exclusivamente como “parábolas” ou “metáforas” de experiências ou de mensagens espirituais, seja dos que se inclinam a interpretá-los como um modelo a ser reproduzido e executado em ações carismáticas de cura, seja, dos que numa ótica “leiga” (DAL PINO, 1998, p. 97-99).

## 2 A CURA DA MULHER ENCURVADA EM DIA DE SÁBADO (Lc 13,10-17)

### 2.1 Análise da perícopes (Lc 13,10-17)

No encontro de Jesus com a mulher encurvada percebemos que Lucas narra de forma brilhante a ação de Jesus através do poder de Deus presente n'Ele. Observamos não apenas a cura na qual a mulher teve a sua coluna endireitada e sua cabeça erguida, mas uma libertação total das forças do mal que a escravizavam por dezoito anos.

A perícopes inicia-se em Lc 13,10, pois há uma indicação de um lugar: “Ora, ele estava ensinando numa das sinagogas no sábado”. E, por sua vez, encerra-se no v. 17, porque há uma indicação da conclusão da ação: “Tendo ele dito estas palavras, todos os seus adversários se envergonharam. Entretanto, o povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava”. Além disso, em Lc 13,18 há início de uma nova situação, Jesus conta a parábola do grão de mostarda, mostrando que no v. 18 se inicia outra perícopes.

O cenário é uma sinagoga indeterminada ao longo da grande viagem de Jesus para Jerusalém (9,51 - 19, 27). Os personagens são: a mulher encurvada, o chefe da sinagoga, o povo e Jesus. Os principais verbos encontrados na perícopes são: chamar, dizer, estar, ensinar, endireitar, glorificar, haver, impor, possuir, poder, ter, tornar e ver.

O gênero literário da perícopes é relato de cura ou milagre. Faz parte do gênero narrativo do *epidéixis* (demonstrativo). Nesse gênero literário estão incluídos todos os textos em que um acontecimento é narrado de tal maneira que no fim as testemunhas oculares ou auriculares reagem com admiração, espanto ou perguntas. O autor reflete duas maneiras de encarar o fato: a sua, isto é, a maneira “objetiva”, e a “subjetiva”, a reação do acontecido pelas testemunhas do momento. A última é importante para os leitores idealizados pelo autor, pois a reação das testemunhas representa de antemão a dos leitores e convida-os a se identificar com ela. Assim, a categoria da forma literária torna-se instrumento para adiar, sem decidir de antemão, a avaliação do leitor. As testemunhas representam os leitores do texto. Desse modo, consegue-se introduzir no gênero literário, como elemento constitutivo, também a relação da narrativa com o leitor. Narra-se do ponto de vista do leitor, que não é, por exemplo, o da hagiografia, a qual só visa a glorificação do herói. Típico da reação, é a pergunta: “Quem é este...? ou tu és... (acrescenta-se um título) (BERGER, 1998, p. 281).

O fato de o acontecimento e a reação serem relatados em conjunto qualifica o acontecimento como um todo; e a reação não é um efeito acrescentado. Trata-se antes de uma

espécie de notícia comentada, e o comentário demonstra que o acontecimento trouxe a revelação, partiu de Deus (BERGER, 1998, p. 281).

### 2.1.1 Estrutura da perícope

A (13,10-11) – Jesus ensina na sinagoga no **sábado**

B (13,12) – Libre da enfermidade

C (13,13) – Ela *glorificava* a Deus

A' (13,14) – Jesus não deveria curar no **sábado**

B' (13,15-16) – Libertar da escravidão / prisão em dia de sábado.

C' (13,17) – O povo se alegrava com os feitos *gloriosos*.

### 2.1.2 Elementos constitutivos de relatos de cura

É sempre importante analisar a estrutura do relato para uma profunda compreensão do texto, descobrir a intenção do autor, colocar em relevo a presença e as características das diversas unidades (ou motivos) e encontrar aplicações pastorais para o mundo da saúde. Léon Dufour classifica 33 motivos presentes nos diversos relatos de milagres (VENDRAME, 2001, p. 80-89). Seu inventário, como de outros autores, trata de todos os tipos de milagres, com referências também aos relatos helênicos. Desses elementos, destacaremos aqueles que estão presentes na perícope estudada:

A **desgraça** é caracterizada sobriamente: doença, possessão demoníaca, perigo no mar, privação de um bem substancial. Frequentemente relata-se também a duração da desgraça: doença ou possessão (a). Em Lc 13,11-16 trata-se de uma mulher encurvada e que estava presa por satanás havia dezoito anos.

**Crítica dos adversários:** a respeito do perdão dos pecados (a), da transgressão do sábado (b), da influência de Satanás (c), da transgressão de uma norma. Motivo próprio dos milagres de legitimização. Em Lc 13,14 o chefe da sinagoga diz que as pessoas não devem ser curadas em dia de sábado.

**Reação afetiva do taumaturgo:** sentimento de misericórdia (a), da tensão (b), excitação (c), de cólera (d) que podem ser expressos também à parte (e). Motivo presente sobretudo nas curas. Lc 13,12-13 Jesus viu a mulher encurvada, a chamou e impôs-lhe as mãos.

**Preparação da ação.** O doente deve mudar de posição ou lugar (a) o público é afastado (b), como acontece frequentemente nos relatos não-cristãos. Em Lc 13,13, a mulher encurvada é chamada para o centro.

No **final do relato**, o taumaturgo despede o miraculado, louvando sua fé (a), confirmando a realidade do milagre (b), pedindo-lhe que proclame o fato (c); reenvia o miraculado para casa, devolvendo-o aos seus (d). Esse motivo ocorre quase exclusivamente nas curas (e). Aclamação: rende-se glória (a) sem precisar (b) ou precisando (c), dando um título (d), segundo diversas nuances: alegria (e), louvor (f), gratidão (g), confissão de fé. Em Lc 13,17 “os adversários se envergonharam” e o “povo se alegrava por todos os gloriosos feitos que Jesus realizava” (VENDRAME, 2001, p. 80-89).

### **2.1.3 Análise dos elementos constitutivos da perícopre de Lc 13,10-17**

#### **2.1.3.1 A atitude revolucionária de Jesus na cura da mulher encurvada**

Jesus estava ensinando numa das sinagogas nos sábados. No início do seu ministério era comum esse comportamento. O texto de Lucas 13,10-17 relata a cura de uma mulher anônima, que havia dezoito anos andava encurvada e, de modo algum, podia se endireitar (v. 11). A perspectiva de vida dessa mulher era andar encurvada para sempre; dificuldade para deitar-se, para receber um abraço, olhar sempre para baixo. Aqui se apresenta a doença como causada por um “espírito de enfermidade”, um “espírito de fraqueza” (*pneuma asthenéias*), o que depois é interpretado pelo próprio texto como “Satanás” (Lc 13.16) (RIMER, 2011).

A atitude de Jesus é uma atitude revolucionária porque ele confronta os líderes religiosos que mantinham os pobres e doentes afastados da comunidade judaica, pois estar enferma era sinônimo de estar sendo castigado por Deus. Jesus a chama para perto dele e a cura, afrontando o chefe da sinagoga. Jesus a inclui na comunidade, devolvendo sua dignidade.

#### **2.1.3.2 O número dezoito**

O texto da perícopre relata que por dezoito anos aquela mulher sofreu encurvada. O outro único uso do número dezoito no Novo Testamento ocorre imediatamente antes dessa cura, quando nos dizem que dezoito pessoas foram mortas no colapso da torre de Siloé (cf. Lc 13,4 *in* BÍBLIA, 2006).

O livro dos Juízes registra que os israelitas serviram Eglon, rei de Moab, por dezoito anos “porque tinham feito o mal aos olhos do Senhor” (Jz 3,12-14 *in* BÍBLIA, 2006). O livro dos Juízes 10,7-8 registra que a ira de Deus contra a idolatria de Israel era tão grande que os colocou nas mãos dos amonitas. A “opressão estendeu-se por dezoito anos sobre os

israelitas” (Jz 10,8 *in* BÍBLIA, 2006). Depois de dezoito anos de opressão nas mãos dos amonitas, os israelitas jogaram fora seus falsos deuses e veneraram adequadamente a Deus (Jz 11,1-33 *in* BÍBLIA, 2006).

A história de Israel, registrada no Primeiro Livro dos Reis, conta como o Reino após Salomão, foi dividido em duas nações: Israel, comandada por Jeroboão, e Judá, comandada por Roboão (1Reis12 *in* BÍBLIA, 2006). Depois de dezoito anos de opressão (cf. 1Reis 15,1), o filho de Roboão, Abiã, subiu ao trono (cf. 1Reis 15,4 *in* BÍBLIA 2006).

Um rei muito melhor veio mais tarde. Em seu décimo oitavo ano de reinado, Josias restabeleceu com sucesso o rito da Páscoa, que não vinha sendo celebrada desde antes do reino de Israel ser fundado (cf. 2Reis 23,22 *in* BÍBLIA 2006)

Finalmente, no décimo oitavo ano do reinado de Nabucodonosor na Babilônia (cf. Jr 32,1 *in* BÍBLIA 2006), o grande profeta Jeremias recebeu a palavra de Deus, que libertaria os judeus da servidão (cf. Jr 33,14-15 *in* BÍBLIA 2006).

Em cada um dos casos listados acima, a expressão “dezoito anos” corresponde ao tempo da opressão de Israel por poderes externos. Durante o décimo oitavo ano, Deus intervém pela liberdade do povo da servidão a um rei estrangeiro ou corrupto. (ASCOUGH, 2008, p. 79-81).

O número dezoito é especial para a cultura judaica, representa a palavra “chai”, que significa “vivo” “vida”. Existe uma importante oração hebraica chamada *Shemonê Esrê*, que significa “dezoito”, e enumera dezoito bênçãos. O Judaísmo dá grande valor à vida, e a palavra “chai” simboliza o valor sobre a vida e a esperança que vem com ela. A palavra hebraica “chai” é escrita com letras hebraicas Chet e Yud. Em hebraico, cada letra tem um valor numérico e o valor numérico de “Chet” e “Yud” é, respectivamente, 8 e 10. Conseqüentemente, o valor numérico de “chai” é dezoito. Daí a associação entre “chai” e o número dezoito faz com que este número seja considerado portador de boa sorte, que anuncia prosperidade (ASCOUGH, 2008, p. 81).

### **2.1.3.3 O chamado de Jesus e a imposição das mãos**

Jesus chamou-a a si (v.12). O texto faz questão de mencionar a compaixão de Cristo em chamar a mulher, o interesse partiu primeiramente dEle. Não existe referência falando que aquela mulher o conhecia ou sabia quem era aquele homem que ensinava, porém, mesmo assim o homem que ensinava sabia quem era ela.

Cristo, constantemente, contempla nosso sofrimento, não no sentido de sentir prazer nele, mas sim, de tudo que acontece na vida das pessoas ele observa bem de perto. Foi

assim com Bartimeu, o cego de Jericó; o paralítico no tanque de Betesda; a mulher pecadora; o coxo na porta formosa.

O texto é tão enfático, diz que Jesus a viu antes de chamá-la. Impôs-lhe as mãos, e no mesmo instante ela se endireitou. O grego *anorthóthe*, “endireitar-se de novo”, é termo técnico para transmitir os conhecimentos médicos da Antiguidade e indica para o endireitamento de “partes anormais ou deslocadas no corpo, ou colocá-las na posição natural” (REIMER; MACHADO, 2011, p. 136). Endireitada em seu corpo, coluna ereta, a mulher se pôs imediatamente a dar glória a Deus. Docsáo, “dar glória”, é poder louvar Deus, porque nele de fato se reconhece haver libertação, salvação. De acordo com a narrativa, a mulher o realiza ainda no espaço público sinagoga e assume, portanto, papel protagonizante no anúncio daquilo que ela pôde vivenciar (REIMER; MACHADO, 2011, p. 136).

Quando Jesus chamou a mulher encurvada, apesar de seu próprio corpo ficar voltado sobre si e sem poder aprumar-se de forma alguma, ela conseguiu passar do lugar que ocupava na sinagoga, até onde Jesus estava, e quando Ele lhe impôs as mãos e proferiu as palavras “Mulher, estás livre da tua enfermidade”, vigor e força entraram naquele corpo deformado, até ela ficar em pé, aprumada como qualquer pessoa normal.

Impor as mãos é demonstrar comunhão, concordância ou fazer-se participante de algo. Era assim que faziam os sacerdotes com os sacrifícios, quando os ofertantes se identificavam com as vítimas (cf. Lv 8,14 *in* BÍBLIA 2006). (REIMER; MACHADO, 2011, p. 136). Imposição de mãos podia significar a consagração de alguém para uma determinada função (cf. Nm 27,22-23; At 6,6 *in* BÍBLIA 2006). Impor as mãos também significava identificar-se com alguém em sua obra para o Senhor (cf. Nm 8,10 *in* BÍBLIA 2006). Esse ato de impor as mãos como reconhecimento ou identificação com a obra de alguém pode ser melhor entendido quando lemos a orientação dada a Timóteo para que não fosse precipitado em reconhecer alguém ou seu trabalho ou identificar-se com ela (1Tm 5,22; At 19,6 *in* BÍBLIA 2006).

#### **2.1.3.4 A enfermidade e seu simbolismo**

Para a análise da perícopé aqui proposta, percebemos e observamos que não se limita a “esta” mulher, mas a um problema sociocultural generalizado. Mas não apenas as mulheres da época de Jesus. Aqui, podemos fazer nossas as palavras de Maxine Hancock: “quando eu vejo Jesus estender as mãos para endireitar, elevar e colocar essa mulher na posição correta, eu vejo Jesus se importando com todas as mulheres do mundo [...], eu vejo

Jesus se interessando por qualquer situação em que a mulher esteja sendo diminuída perante um homem” (COELHO, 2015)<sup>1</sup>.

Essa mulher exerce função de representação para outras pessoas que se encontram em situação semelhante: a doença reflete interrupção comunicativa entre as pessoas em suas relações sociais em todos os níveis, causando exclusão, marginalização e anomia, e a cura representa a superação do mal como ação simbólica na (re)construção de vida digna em suas múltiplas relações (GEBARA, 2010, p. 41-43).

Adentrando o texto com a questão do corpo, as doenças e o imaginário, todos os seres vivos são mortais, e nós humanos somos os únicos a ter consciência disso. Na mentalidade ocidental de matriz judaico-cristã, essa mortalidade revela a nossa fragilidade, que se expressa de diferentes maneiras, entre elas a doença, que nos expõe cotidianamente à vulnerabilidade e finitude de nossa existência. (REIMER; MACHADO, 2011, p. 130)

Jesus ao curar a mulher encurvada e fazer isto publicamente, estava denunciando não só a forma, mas, todas as maneiras pelas quais as mulheres eram diminuídas em seu valor de ser humano e lutando contra tudo o que elas eram proibidas de assumir em relação ao que Deus lhes havia outorgado desde a criação. Às mulheres não era permitido permanecer eretas diante dos homens e da sociedade. Essa mulher representa simbolicamente a situação de todas as mulheres da época de Jesus que eram consideradas inferiores aos homens.

Aquela mulher vivia sob a opressão de um poder maligno. Jesus ao chamá-la para perto de si, a coloca no centro das atenções, nos mostrando que ela faz parte da comunidade, que ela faz parte da aliança que Jesus veio estabelecer através de sua missão. Portanto, Jesus não apenas questiona o contexto histórico no qual a mulher é despersonalizada, isto é, desfigurada em seu valor, mas a restaura à sua postura de ser humano, criada à imagem de Deus, e mostra para nós todo seu amor e sua compaixão pelo ser humano.

De acordo com Marshall (1978, p. 157) e Fitzmyer (2010, p. 1012), a enfermidade podia ser espondilite anquilopoiética, caracterizada por fusão de ossos na coluna vertebral e por dor severa e enrijecimento; ou uma escoliose histórica, que de acordo com (SAMPOL, SAMPOL, 2000, p. 4-5), consiste numa “escoliose estruturada transitoriamente” provocada por fortes contrações musculares durante as crises de histeria; outra possibilidade é que a enfermidade fosse uma associação das duas doenças, onde a cronicidade de uma teria desencadeado a outra. Em todo caso, a mulher vivia por anos, em um estado crônico debilitante e já não mais conseguia endireitar-se (PESTANA, 2017, p. 53). Segundo Mateo

---

<sup>1</sup> Postagem de 03 de março de 2015 no blog DIGNIDADE.

<http://ultimato.com.br/sites/dignidade/2015/03/09/esta-filha-de-abraao/> Acesso em 28/06/2019

Bautista, aleijamentos eram considerados como consequência de um pecado dos pais (BAUTISTA, 1997, p. 128).

Durante dezoito anos aquela mulher encurvada esteve na sinagoga em dias de sábado, ouvindo os ensinamentos, orando, mas sem nenhuma solução para o seu problema. É interessante notar a descrição sucinta e técnica do caso: era mulher, com espírito de enfermidade, que durante dezoito anos a mantinha encurvada sem conseguir endireitar-se.

O v. 12 afirma que Jesus a viu. As mulheres na sinagoga ocupavam os últimos lugares, elas não ficavam no mesmo espaço que os homens, mas Jesus sentiu compaixão pela dor daquela mulher, e chamou-a para frente, para a ala dos homens, quebrando o protocolo da tradição e, diante de todos, libertou-a de todo o tormento dizendo-lhe: Mulher, estás livre de tua doença. Essas três ações executadas por Jesus, são apontadas por Marshall (1978, p. 558) como espontânea e de compaixão para libertar a mulher da escravidão. Segundo Fitzmyer, (2010, p. 1013) o termo grego “ἀνωρθώθη” está no aoristo passivo e seria teologicamente melhor traduzido como “foi endireitada (por Deus)”, já que ela mesma não conseguia fazê-lo e, a palavra “παραχρῆμα” (instantânea) contrasta com os dezoito anos de enfermidade; Fitzmyer destaca que o termo “παραχρῆμα” (instantânea) é um dos preferidos de Lucas para descrever o efeito imediato da cura operada por Jesus, e também aparece em outras narrativas evangélicas de milagres (Lc 1.64; 4.39; 5.25; *passim*; PESTANA, 2017, p. 56-58).

### **2.1.3.5 O chefe da sinagoga**

O chefe da sinagoga era assistido por um conselho. Havia também a função de um ajudante que entregava ao leitor o rolo da Torá (cf. Lc 4,20 *in* BÍBLIA 2006), outro que executava o castigo da flagelação (cf. Mt 10,17 *in* BÍBLIA 2006) e também havia quem anunciava ao som do *sofar* (trombeta de chifre de carneiro) o início do sábado.

Os escribas presentes se limitavam a comentar o texto sagrado, dirigiam aos “assistentes a palavra de consolação” ou pronunciavam alguma invocação muito solene. As reuniões eram celebradas aos sábados e em dias de festa. Procedia-se da seguinte forma: oração de abertura, as dezoitos bênçãos, a leitura da Torah e profetas, a instrução ou comentário a cargo do presidente ou de um convidado (cf. Lc 4,16 *in* BÍBLIA 2006), a bênção sacerdotal (Nm 6,22ss *in* BÍBLIA 2006) pelo presidente. No serviço litúrgico a mulher era apenas ouvinte. A leitura e o ensino eram-lhe proibidos.

O chefe da sinagoga ficou indignado porque Jesus curou num dia de sábado, ou seja, durante o descanso sabático. Ele era incapaz de compreender o que estava acontecendo diante de seus olhos, a irrupção do Reino de Deus, que traz vida plena àquela mulher.

Assim, o chefe da sinagoga, com a sua autoridade, interveio para dizer à multidão que havia seis dias em que se devia trabalhar, por isso se alguém quisesse ser curado deveria vir em um desses dias e não no sábado. Jesus retrucou que era uma hipocrisia cuidar dos animais domésticos em dia de sábado e não fazer o mesmo pelas pessoas. Ao dizer isso, seus adversários ficaram em silêncio, enquanto a multidão se alegrava com a ação de Jesus.

O argumento que Jesus usou (Lc 13,15-16) consistia em duas perguntas perfeitamente válidas e aceitáveis dentro das regras rabínicas de interpretação bíblica: uma desmascarou a inconsistência de seus opositores, e outra explicou a base de sua ação terapêutica. Chamava-se argumento *qal-wa-homer*, literalmente, “leve-e-pesado, no latim *minoris ad maius* (FITZMYER, 2010, p. 1011). As duas questões trabalham o verbo “λύω” que significa desatar, livrar ou soltar, usado da seguinte forma: se eles “libertam” o boi ou jumento para tomar água, como ele não “libertaria” esta filha de Abraão de seu mal? (FITZMYER, 2010, p. 1013; PESTANA, 2017, p. 58)

Depois de curada, a reação da mulher enferma, em contraste com a do presidente da sinagoga, é de louvar a Deus. Compreendeu que sua cura é uma manifestação da bondade de Deus, que se tornou presente na atividade de Jesus. Libertando aquela mulher da escravidão, Jesus continuava a obra de libertação que Deus tinha iniciado no Êxodo. E assim, a mulher não só é curada, mas recobra a sua identidade como filha de Abraão (FITZMYER, 2010, p. 1013; PESTANA, 2017, p. 56-58).

### **SÍNTESE DO CAPÍTULO:**

Jesus está subindo à Jerusalém e num dia de sábado como era de costume, entra numa sinagoga. Os personagens da narrativa da perícopa são a mulher encurvada, o chefe da sinagoga, o povo e Jesus.

O gênero literário da perícopa é o narrativo do *epidéixis* (demonstrativo). São todos os textos em que o acontecimento é narrado onde as testemunhas oculares ou auriculares reagem com admiração, espanto ou perguntas.

Os elementos constitutivos do relato de cura são: a desgraça: doença, possessão demoníaca, perigo no mar, privação de um bem substancial. Crítica dos adversários: a respeito do perdão dos pecados, da transgressão do sábado ou de uma norma. Reação afetiva do taumaturgo: Sentimento de misericórdia, da tensão, da excitação, de cólera. Preparação da ação: o doente deve mudar de posição ou lugar, o público afastado. Final do relato: o taumaturgo despede o miraculado, louvando sua fé, confirmando a realidade do milagre,

pedindo-lhe que não proclame o fato, reenvia o miraculado para casa, devolvendo aos seus. Aclamação: rende-se de glória.

A atitude de Jesus é revolucionária porque ele confronta os líderes religiosos que mantinham os pobres e doentes afastados da comunidade judaica, pois estar enferma era sinônimo de estar sendo castigado por Deus. Jesus a chama para perto dele e a cura, afrontando o chefe da sinagoga. Jesus a inclui na comunidade, devolvendo sua dignidade.

O número dezoito não é por acaso. Aparece no Novo Testamento apenas no relato das pessoas que foram mortas no colapso da Torre de Silóé e no Antigo Testamento nas várias formas as quais o povo de Deus é oprimido Jz 3,12-14; Jz 10,8; 1Rs12; 1Rs15,4.

Jesus impôs as mãos na mulher encurvada. Impôr as mãos significa comunhão, concordância, ou fazer participante de algo.

De acordo com os autores: Marshall e Fitzmyer a enfermidade da mulher encurvada era espondilite anquilopoiética, caracterizada pela fusão dos ossos da coluna vertebral e por dor severa e enrijecimento, ou uma escoliose histórica que de acordo com os autores Sampol Sampol, consiste numa “escoliose estruturada transitoriamente” provocada por fortes contrações musculares durante as crises de histeria, ou associação das duas doenças.

O chefe da sinagoga ficou indignado porque Jesus curou a mulher no dia de sábado. Ele foi incapaz de compreender o que estava acontecendo diante dos seus olhos, a irrupção do Reino de Deus, que trouxe vida plena aquela mulher.

Representam a atual situação social, política, econômica e religiosa do povo da época. A mulher encurvada – representa o povo oprimido, chefe da sinagoga – os poderosos, os adversários de Jesus, o povo, e Jesus – o Messias esperado para salvar seu povo.

Jesus afronta os poderosos e a chama para perto de si, devolvendo a sua dignidade.

Através da cura da mulher encurvada, Jesus mostra a sua misericórdia.

A atitude de Jesus em curar a mulher encurvada foi uma atitude revolucionária, porque confronta os líderes religiosos que mantinham os pobres e doentes afastados da comunidade judaica, pois estar enfermo, era sinônimo de estar sendo castigado por Deus.

O número dezoito que representa o período em que a mulher se encontrava enferma, ao mesmo tempo representa o tempo de espera, perseverança, e certeza que a hora de ficar livre dos seus males chegaria.

Percebemos que a mulher encurvada representa um problema sociocultural generalizado. Jesus quando cura a mulher encurvada está preocupado não só com ela, mas

com todas as mulheres do mundo, Jesus está interessado por qualquer situação em que a mulher esteja sendo diminuída perante o homem.

A cura da mulher encurvada estava denunciando não só as formas, mas todas as maneiras pelas quais as mulheres eram diminuídas em seu valor de ser humano e lutando contra tudo o que elas eram proibidas de assumir em relação ao que Deus lhes outorgou desde a criação.

### 3 HERMENÊUTICA SOBRE A PERÍCOPE DE Lc 13,10-17

O evangelista Lucas narra com bastante propriedade o modo como a comunidade que estava presente no culto sinagoga reagiu à cura da mulher encurvada. A reação da mulher enferma é louvar a Deus pela sua libertação. O louvor desta mulher é uma resposta, é o reconhecimento da presença do Reino de Deus.

Nos v. 15-16, Jesus questiona por que não pode soltar um ser humano no sábado, a filha de Abraão. Jesus nos mostra que a herança religiosa judaica não está restrita apenas aos cães ou aos homens. Esta mulher pertence ao Israel reconstruído. A reação de Jesus consiste em um discurso dirigido diretamente aos seus adversários chamando-os de hipócritas, porque fazem o bem aos animais em dia de sábado, mas não se dispõem a fazê-lo aos seres humanos (cf. Lc 13,15 *in* Bíblia, 2006).

Causou grande impacto a todos o fato de Jesus ter chamado aquela mulher de “filha de Abraão” (*tygatéra Abraám*), algo único nos evangelhos, que em algumas traduções, aparece como “descendente de Abraão” (REIMER; MACHADO, 2011, 134), além de a ter trazido para o centro da comunidade, como alguém que teve a sua dignidade restabelecida e que foi incluído na comunidade.

O v. 17 afirma que após a fala de Jesus, “todos os adversários ficaram envergonhados, enquanto a multidão inteira se alegrava com todas as maravilhas que ele realizava”. O sentimento de liberdade que aquela mulher experimentava ao se ver livre das amarras que lhe faziam sofrer há dezoito anos. E, agregando a isto, o sinal da irrupção do reino de Deus, causaram, primeiramente, o sentimento de alegria no povo, mostrando que o motivo da proclamação da Boa Nova é alegria para aqueles que a acolhem.

Jesus passou a ser sinal de esperança para as pessoas que se encontram encurvadas em suas vidas e também para as que se encontram no cativeiro por falta de fé. A disposição da mulher em encontrar Jesus é impressionante. Já o povo transcende o acontecimento e expressa toda a sua alegria por ver que o Reino de Deus trazia a plenitude da vida humana (BROWN, FITZMYER, MURPHY, 2011, p. 276-277).

Por outro lado, os adversários de Jesus se envergonharam diante do acontecimento, pois Jesus mostrou a eles a vulnerabilidade da Lei diante da situação da mulher, levando-os a refletir sobre o estado de escravidão na qual aquela mulher esteve por dezoito anos.

Livrando aquela mulher da escravidão, Jesus estava continuando a obra de libertação que Deus havia iniciado no êxodo do Egito. E assim a mulher não só é curada, mas

recobra a sua identidade como filha de Abraão, fazendo parte do processo de salvação de Deus (REIMER; MACHADO, 2011, p. 134)

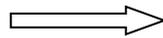
A reação dos adversários de Jesus é importante nesse contexto. Nos leva a observar a falta de controle do chefe da sinagoga que se opunham a Jesus. Que na sua irritação, não dirige a palavra a Jesus, mas se dirige ao povo. O que as pessoas tinham feito em favor dela durante os dezoito anos de sofrimento?

### 3.1 Hermenêutica a luz do encontro

Podemos resumir o conteúdo da perícopre em algumas cenas quando se trata de diferentes perspectivas.

Quando o olhar se faz a partir do ponto de vista **de Jesus:**

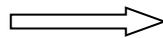
Jesus vai a sinagoga para ensinar num dia de sábado. (aproxima)



Jesus se faz próximo estando no meio do povo.

Quando o olhar é a partir do ponto de vista da **mulher encurvada:**

Há dezoito anos ela procurava se libertar das forças do mal.



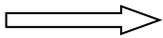
Continuava indo para sinagoga à procura e na esperança de sua libertação.

Ao vê-la, Jesus a chama



Ela vai ao seu encontro

Ao se aproximar-se disse-lhe: “Mulher estás livre da tua doença. E impôs as mãos”.



Ela então se endireitou. E dava glória a Deus.

#### 3.1.1 Encontro com o sagrado que não dignifica

Antes do encontro com Jesus, aquela mulher devia ter dificuldades para comer, beber, apertar a mão das pessoas, olhar para as pessoas, abraçar, dormir, tomar um banho, arrumar a sua casa, ver o horizonte, ver o nascer do sol, entre outras. Após o encontro com Jesus ela está livre para fazer essas coisas simples com dignidade. Nenhuma dessas coisas ela havia encontrado antes em sua religião, em seus ritos, nas lideranças religiosas e nas pessoas que encontrava na sinagoga.

Quais os frutos ou consequências do encontro com aquilo que é oferecido como sagrado, mas que é incapaz de dar acesso a Deus e, conseqüentemente, incapaz de salvar? O encontro não salvífico pode gerar nas pessoas e na sociedade em geral algumas consequências importantes como: dependência, vulnerabilidade, redução do sensitivo emocional, consumismo de todo e qualquer sagrado, passividade, agressividade, fechamento, alienação, frustração, entre outras.

Quando se gera dependência, as pessoas ficam literalmente presas à magia, do encanto, da sensação de segurança que encontram em certas ofertas do sagrado. Daí pode-se tornar dependente dos que intermediam tal sagrado. E isso traz grande perigo porque as pessoas se tornam vulneráveis, presas fáceis para quem é inescrupuloso e quer se aproveitar desse tipo de situação para explorar, extorquir etc.

Tudo é emocional, sensitivo, em dosagens que até aliviam o sofrimento, mas não libertam, uma vez que não ajudam a pessoa a buscar resolver as causas dos seus problemas. Como só conseguem paliativo, entram num círculo vicioso cada vez maior, fechando-se em grupos, pois isso dá a sensação de segurança e salvação em um mundo doente e caótico. Outras rompem com aquela experiência, buscando encontrar a solução em outros ambientes religiosos, o que as coloca numa busca constante de novos sagrados.

Portanto, o perigo está centrado nestas passagens rápidas e frustrantes. Porque ao longo do tempo, quando cai em si, a pessoa se sente como se estivesse sido enganada, correndo o risco de perder a fé e a esperança. E agora descrentes de tudo, entram num pessimismo e indiferentismo não só com o sagrado, mas com diversos aspectos da vida.

Esse encontro não salvífico não é mediador do encontro com o poder salvífico de Deus (amor, fraternidade, solidariedade, redenção, perdão), não nos traz a verdadeira caridade vinda de Deus, não nos traz a paz geradora da vida que tanto se busca, como buscou e encontrou a mulher encurvada. (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 164-166)

### **3.1.2 O encontro salvífico**

Quem busca do verdadeiro poder salvífico-libertador de Deus procura o sagrado para que seja completado pela oferta daquilo que realmente tem poder de salvar, de libertar dos males físicos e mentais, e conseqüentemente dá uma melhor ou até nova qualidade de vida.

As experiências salvífico-libertadoras são experiências transformadoras, tanto para quem busca como para quem serve de intermediário, por meio da missão. Fica muito claro quando percebemos na passagem da mulher encurvada (cf. Lc 13,10-17) que o povo dá

glória a Deus e fica feliz em vê-la em outra vida com saúde e definitivamente salva dos seus males. (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 168-169).

A partir de uma visão holística da realidade, valoriza-se o contato com o mistério salvífico no mais profundo de cada pessoa na relação com os outros, com a natureza e com o cosmos. É dentro das entranhas da vida que se faz contato como o sagrado mistério de Deus e se toma consciência do seu poder salvífico. Há uma energia dinâmica (*dynamis*) presente na matéria que passa por ela e se expande pelo infinito. Daí a insistência de que o encontro com o sagrado se dê realmente no cotidiano da vida, nos contatos de amor solidário para com o próximo. É nesse dar e receber amor que vai se fazendo a experiência profunda do amor de Deus, sagrado realmente capaz de salvar na dura realidade histórica do momento presente (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 164-168).

### **3.2. Hermenêutica à luz do corpo**

O poder de Jesus integra a pessoa de tal forma que a mulher encurvada, mesmo sem o conhecer obedece ao seu comando porque sente um encontro com o sagrado que a dignifica. Há em Jesus um poder que liberta de tal forma que flui naturalmente quando alguém a toca com fé ou ele toca alguém com fé. Jesus demonstra querer tornar esse poder de Deus acessível a todas as pessoas. Mas, no caso da mulher encurvada, isto fica evidente. Não o transmite por etapas; esse poder flui em abundância, numa plenitude capaz de, imediatamente, colocar a mulher em posição ereta e de cabeça levantada.

Jesus se insere na vida de um povo sofrido. Sua intimidade com o Pai (ao qual chamava de *Abba*, “papai”, paizinho”), aliada à convivência com o povo sofrido, o levou a testemunhar que tal situação não fazia parte do plano de Deus para com a humanidade.

A compreensão da comunidade primitiva foi que Jesus era alguém que amou de tal modo a Deus e a humanidade que só podia ser a própria encarnação de Deus na história do seu povo, o Cristo, Filho de Deus, o messias esperado pelo povo de Israel.

Toda a teologia bíblica concebe o ser humano como uma unidade, ou seja, o ser humano é visto por inteiro em cada uma de suas concretizações fundamentais. Não há como pensar em uma alma sem corpo, nem em um corpo sem alma. Cada conceito sobre o ser humano, compreende-o como um todo (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 53-55; 168-178).

O ser humano na antropologia bíblica (Antigo e Novo Testamento), é uma unidade. O homem-carne (em hebraico, *basar*, em grego *sarx*) é o ser humano biológico, um ser-carência sujeito aos sofrimentos e à morte, às tentações e ao pecado (cf. Rm 7). Fala-se em

homem-carne quando o ser humano quer se realizar só nessa dimensão terrestre sem sair de si para os outros e para o Grande Outro; é o ser humano fechado sobre si mesmo.

O homem-corpo (em hebraico *basar*, em grego *soma*) designa o ser humano todo inteiro enquanto “pessoa-em-comunhão-com-outros” (cf. Rm 12,1; 1Cor 7,4; 9,27; 13,1; Fl 1,20) em seu relacionamento social e político. Porque significa a pessoa humana em sua totalidade, não se pode pensar em sobrevivência do ser humano sem incluir o corpo (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 176-177).

O homem-alma (em hebraico *nefesh*, em grego *psiquê*) também designa o ser humano todo inteiro como ser vivente. Alma para a Escritura é sinônimo de vida. Daí que homem-alma e homem-corpo são equivalentes. Corpo e Alma não se opõem, mas exprimem o homem inteiro. Homem-alma pode significar ainda a pessoa em sua vida consciente (BOFF, 1971, p. 62-63).

O corpo, portanto, nada tem de impuro ao ponto de precisar ser desprezado e até macerado, para que a pessoa possa ter acesso ao sagrado salvífico. É por meio do contato profundo entre o corpo das pessoas e o corpo de Jesus que se dá o encontro profundo entre a fé humana e a misericórdia divina.

É por meio do corpo que se tem acesso a Deus; é também por meio dele que a Graça de Deus penetra na vida das pessoas; o corpo aparece na narrativa, portanto, como uma porta de passagem. Por isso, a nova evangelização deve aproximar-se das pessoas concretas e dos reais problemas que as inquietam, sociedade moderna. Por meio dessa aproximação, nasce o diálogo, o compreender e o ser compreendido. O sagrado cristão pode, então, se tornar acessível, compreensível e cumprir seu papel de salvar, na medida em que é capaz de corresponder aos anseios fundamentais da pessoa humana que o busca com fé. (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 176-177).

Então, podemos afirmar que a salvação de Jesus Cristo é mística e política ao mesmo tempo. Mística porque, por meio da experiência do encontro com o sagrado cristão, podemos tocar e ser tocados pela *dynamis* do mistério salvífico de Deus; podemos tomar consciência da sua presença salvífica no próprio corpo, da cura dos males físicos e psíquicos. Política porque, animados pela presença viva e amorosa de Deus em seu poder vital, em sua energia propulsora de vida, em sua força revitalizadora, podemos lutar pela vida em plenitude com todas as nossas potencialidades. Isso interfere positivamente na convivência social e tende a provocar uma inversão na dinâmica da sociedade que gera morte (CORREIA JUNIOR, 2000, p. 177-178).

### 3.3 Hermenêutica à luz da fé

A fé e a razão constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer, para que, conhecendo-O e amando-O pudesse chegar também à verdade plena sobre si próprio (cf. Ex 33, 18; Jo 14, 8; 1 Jo 3, 2 in BÍBLIA 2006).

No Antigo Testamento, o termo “fé” aparece três vezes em Dt 32:20; Hab 2,4 e Esd 8,21-22ss. Mas, se a palavra “fé” não é utilizada com frequência, expressões como “crer”, “confiar” e “esperar” transmitem o conceito de fé do começo ao fim do Antigo Testamento.

Existem duas raízes verbais que exprimem em hebraico a fé: uma é *aman*, põe o acento na certeza, na firmeza. Para o hebreu a verdade não é o contrário do erro, mas do nada, daquilo que ele chama “ vaidade, nulidade”. Por isso também Deus é chamado o “Deus da *emet*”, da verdade, melhor, da fidelidade, da segurança (cf. Dt 7,9 in BÍBLIA 2006). É neste sentido que Jesus é chamado *amém* (Ap 3,14). Para entender o que propriamente significa “amém” leia-se Dt 27,15-26. Amém é ter a consciência de estar ligado, de estar contido, dentro da aliança com Deus. A forma verbal *he’emin* (“creu”) designa a atitude daquele que se entrega àquilo ou àquele que não pode enganar, que é absolutamente firme e seguro; significa dar-se inteiramente àquele que de si mesmo merece esta doação total e sem reserva.

A outra raiz é *batah*, significa de tudo o *élan* da fé e da *confiança*. Mostra que nela não há lugar para passividade, pois contém em si algo de esperança e espera. A palavra é traduzida ora por “crer”, ora por “confiar” ora por “esperar”: Sl 4,6; 25,2; 55,24 (SCHLESINGER, PORTO, 1995, p. 1056).

No Novo Testamento, o termo que traduzimos por fé, significa, especialmente, o substantivo grego *pistis*, mas também está presente nos significados do adjetivo *pistos* e do verbo *pisteuo* (LÉON-DUFOUR, 2002, p. 336-338)

A abordagem sobre a fé na Carta aos Hebreus, é a que mais nos impressiona no Novo Testamento: “A fé é a certeza das coisas que se esperam e a convicção de fatos que não se veem” (cf. Hb 11,1 in BÍBLIA, 2006)

Deus convida o ser humano à comunhão consigo. A resposta adequada a este convite é a fé. É pela fé, que o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. Com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento ao Deus revelador.

A fé verdadeira crer, sem ver, não se ancora em coisas visíveis para existir e possui uma certeza profunda e inabalável de que Deus está consigo.

Aqueles que crucificaram Jesus não conseguiram crer quando souberam de sua ressurreição, rapidamente tentaram escondê-la, e se negaram a crer que Ele é realmente o Filho de Deus (cf. Mt 27,11-15 *in* BÍBLIA 2006). Isso significa que a fé salvadora não é fruto da vontade do homem caído, mas é resultado da ação do Espírito Santo em um coração regenerado. O Novo Testamento declara que somente pode crer que Jesus é o Cristo, aquele que for nascido de Deus (Jo 5,1). É o próprio Deus quem faz brotar a fé verdadeira no coração do homem por meio de sua Palavra proclamada (cf. Rm 10,17 *in* BÍBLIA 2006).

Mas a verdadeira fé frutifica em obras, por isso, a Epístola de Tiago afirma que a fé sem obras é morta (cf. Tg 2,17 *in* BÍBLIA 2006; SCHLESINGER, PORTO, 1995, p. 1058).

### **3.3.1 Fé e vida em Cristo**

Uma fé salvadora, é uma das questões mais importantes na vida cristã. A vida cristã está relacionada diretamente com a fé, recebemos a salvação pela graça mediante a fé (cf. Ef 2,8 *in* BÍBLIA 2006). É pela fé que compreendemos as obras de Deus e temos conhecimento do seu propósito (cf. Hb 11,3 *in* BÍBLIA 2006). Ainda em Hb 11, se afirma que sem a fé genuína, ninguém é capaz de agradar a Deus, e nem mesmo de crer que Ele existe (cf. Hb 11,6 *in* BÍBLIA 2006). A fé genuína implica em total dependência e obediência ao Senhor (cf. Hb 11,8-29 *in* BÍBLIA 2006).

A fé tira o homem de si mesmo e o coloca em Cristo. “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (cf. Gl 2,20 *in* BÍBLIA 2006; LÉON-DUFOUR, 2002, p. 341-343; MENDONÇA, 2018, p. 85-89)

Uma das características da fé neotestamentária é que enquanto no Antigo Testamento, Deus era o objeto da fé, no Novo Testamento a fé em Cristo é identificada com a fé em Deus. Assim, vemos em toda a Bíblia como que uma evolução do conceito da fé.

É no Novo Testamento e nos ensinamentos de Jesus que a fé se torna condição principal para a sua atuação. No decorrer do ministério de Jesus, ele vai nos mostrando que a fé é importante para a sua missão (Mt 9,2; Mt 9,22; Mt 9,29; Marcos 9,23).

É importante afirmar que não é a fé que faz o milagre, mas o poder e a vontade de Deus, atuando a fé somente como um meio receptor do poder divino, em Marcos 4,10-12 embora não apareça a palavra fé, é através dela que Jesus se revela a uns e fica encoberto a

outros. A necessidade da fé é continuamente afirmada no Evangelho; a partir de algumas fórmulas: “a tua fé te salvou”; “grande é a tua fé”; “tudo é possível a quem crê” ...

O texto bíblico também trata da falta de fé do povo (*geneà ápistos*) e de uma fé insuficiente, que deve crescer (*oligopistía*). Ficou célebre na tradição da Igreja o diálogo entre o pai do menino, que atribui o êxito da cura só a Jesus, e Jesus que lhe recorda a necessidade da fé (cf. Mc 9,22-24 *in* BÍBLIA 2006). No mesmo trecho do evangelho de Marcos, Jesus encoraja Jairo a perseverar na fé mesmo quando não há mais esperança (VENDRAME p. 145).

A exigência da fé, coloca a pessoa em ligação com a *dynamis Kyriou* - a onipotência divina -, situa Jesus fora de todas as categorias de taumaturgos de todos os tempos. (EBELING,1963, p. 48). Para Jesus, é pela fé que a pessoa pode entrar na área da força onipotente de Deus, que é amor, fonte de vida e saúde. Tudo se torna possível também ao homem que entra na esfera de Deus (cf. Mc 9,23 *in* BÍBLIA 2006).

Como a onipotência de Deus é o amor, só uma fé que se faz ternura e compaixão – como a do bom samaritano – é capaz de libertar o poder de Deus no homem. Em outras palavras, se Jesus operou maravilhas porque é Amor, só quem vive nessa atmosfera de amor, na fé absoluta e na esperança a toda prova, numa entrega total de si mesmo a Deus e ao próximo, pode despertar a *dynamis* do Senhor em si e nos outros (VENDRAME, 2001, p. 146)

Por outro lado, alguns motivos tornam impossível a ação por parte de Jesus: a falta de uma fé autêntica, a busca do milagre pelo milagre, a simples curiosidade ou prestígio ou ainda para pôr à prova suas palavras. Jesus não pode ceder a motivações que não se integram à sua missão; Jesus não realiza milagres para sua vantagem pessoal, nem pelos interesses de quem não se interessa pelo reino de Deus. (cf. Mc 6,5-6; Mt 12,38-39; 16,1-4; Jo 4,48 *in* BÍBLIA 2006).

Os milagres chamam a atenção para presença do reino de Deus misericordioso e, ao mesmo tempo, revelam o mistério da pessoa de Jesus. O milagre não pode ser pensado como elemento coadjuvante da ação divina e da afirmação do seu poder nos eventos históricos. Pereira afirma (2014, p. 135) que

o milagre não é um sinal acessório de um discurso ou um reforço simbólico de um programa; no âmbito da religiosidade popular o milagre é a expressão mais nítida das trocas simbólicas entre uma comunidade de fieis ou de pessoas com a divindade.

### 3.3.2 A fé da mulher encurvada

A mulher que responde ao poder do reino de Deus em sua vida louvando a Deus (v.13) é contraposta ao líder religioso, cujas ideias a respeito de quando Deus pode agir o torna cego para a presença desse reino e para a necessidade de arrependimento. Jesus argumenta a partir daquilo que é menos importante para chegar ao que é mais importante. Se aqueles que se acham cumpridores do sábado soltam os animais no sábado, por que não se pode soltar um ser humano no sábado?

O milagre feito por Jesus no dia de sábado desperta a indignação do chefe da sinagoga que se queixa da não-observância do tempo consagrado a Deus. Jesus responde destacando a legitimidade de sua ação que se insere no grande desígnio de Deus que privilegia o bem do ser humano a respeito de uma observância da Lei.

O caso daquela mulher era grave, se tratava de uma deformação de sua coluna cervical fazendo com que ela andasse totalmente encurvada. A cura que Jesus faz no sábado é, na verdade, uma celebração do sentido profundo do sábado. Se esta mulher vai a sinagoga há dezoito anos é porque tem esperança e fé de ficar curada/libre dos seus males.

A mulher não diz nada a Jesus durante a narrativa. Jesus a chamou e esse chamado veio do seu coração misericordioso, é um chamado de compaixão, daquele que se coloca no lugar do outro, daquele que sente o sofrimento do outro. Jesus se compadece ao ver a mulher encurvada. E ela prontamente responde com a sua fé de quem perseverou e esperou tanto tempo e sente que agora chegou a sua hora, por isso ela atende o chamado.

É importante observar que logo após o episódio da cura da mulher encurvada, Jesus conta duas parábolas que falam do Reino de Deus. Mais especificamente, explicam como se dá o avanço do Reino de Deus no mundo (Lc 13,18ss). “A que é semelhante ao reino de Deus, e a que o compararei?” (v. 18), indaga Jesus, como que procurando uma maneira de apresentar a sua própria perspectiva de como as coisas acontecem no Reino de Deus. E Ele continua: “é semelhante a um grão de mostarda que um homem plantou na sua horta, e cresceu e fez-se árvore [...] (v. 19); é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado (v. 20).

Jesus procura uma maneira de apresentar a sua própria perspectiva e dimensão de como as coisas acontecem no Reino de Deus. Trata-se de parábolas gêmeas porque falam da perspectiva e crescimento do Reino, mas também porque usando exemplos de um homem e de uma mulher, Jesus ilustra como Ele e seu Reino operam no mundo.

As duas parábolas estão profundamente relacionadas com a cura da mulher encurvada, por meio da conjunção, “portanto” (*oûn*, v. 18) que indica essa ligação. Ajudam,

pois, a esclarecer o sentido do milagre. Em primeiro lugar testemunham que a atuação de Jesus para com a mulher é um sinal do Reino que se irrompe. Secundariamente apresentam o Reino no seu irresistível crescimento até chegar ao estágio definitivo.

Com efeito, o evangelista não menciona, como faz Marcos, a pequenez do grão de mostarda, nem frisa o contraste entre a situação inicial e final da semente. Ele realça, ao contrário, seu “*poder de desenvolvimento*” até se tornar uma árvore, em cujos ramos as aves do céu encontram abrigo.

Também a outra parábola destaca a força intrínseca do fermento que tem “*poder de transformar*” toda a massa. Para Lucas, em sua fase histórica, o Reino parece ser coisa insignificante, desprezível perante as muitas realizações humanas que chamam a atenção em todos os tempos. Contém, porém, um dinamismo desconhecido que manifestará sua grandeza somente no momento escatológico. A atividade libertadora de Jesus que cura e salva é, portanto, só um pequeno sinal da grande obra restauradora que ocorrerá na plena realização do reino de Deus.

### **3.4 Novas hermenêuticas e o relato da mulher encurvada**

Ernst Fuchs (1903-1983) publicou em 1954, durante sua docência em Tübingen, uma *Hermenêutica*, que representa o primeiro texto significativo daquela que depois será chamada a “nova hermenêutica”.

Para Fuchs, na Bíblia, é Deus que toma a palavra, e a Palavra de Deus *faz* aquilo que diz: ela é *evento* que nos concede a *permissão* para a graça, para a liberdade, para o tempo escatológico do amor. Ao falar (*sprechen*) de Deus podemos apenas corresponder (*entsprechen*) na fé, a qual é resposta (*Ant-wort*) à palavra (*Wort*) de Deus. A fé, de um lado, nutre-se da linguagem do Novo Testamento, e de outro, tende à pregação e à confissão. No âmbito da teologia, a hermenêutica é, justamente, “a teoria (ou doutrina) da linguagem da fé”.

#### **3.4.1 Palavras, ações e Reino de Deus**

Deus falou em Jesus e, destarte, revelou Jesus como sua Palavra e tornou decisiva sua linguagem. Em Jesus, pode-se considerar o que ele disse: sua palavra, e o que ele fez: sua ação, mas o acento recai sobre o que Jesus disse, porque são suas palavras que explicam seu comportamento.

Para a nova hermenêutica, o anúncio de Jesus, em sua totalidade, deve ser visto como *evento* linguístico. Quem o compreende põe-se a caminho e se movimenta já em um novo contexto: é-lhe concedida a permissão de caminhar pela estrada de Deus e de

comprometer-se totalmente com o amor. É anúncio do tempo novo, do tempo do amor: “o anúncio de Jesus, como todo o seu comportamento e em geral seu próprio comparecimento na história, é simplesmente a indicação do tempo, do tempo novo do Reino de Deus”.

Com referenciais às hermenêuticas libertadoras, como a feminista, há um destaque para a corporeidade, pois o corpo é o elo fundamental com o qual experienciamos o mundo e construímos saberes e relações. Nessa reciprocidade profunda e complexa entre nós e o mundo, também em situação de doença, todo corpo sofre; a vida da pessoa está machucada, e também suas relações familiares e sociais podem sofrer prejuízos.

Saúde e doença manifestam-se, portanto, em nosso corpo. Por isso faz-se necessário perceber que as relações do cristianismo com o corpo têm sido ambivalentes. Por um lado, o cristianismo defende a fé em um Deus que se tornou corpo e, nas narrativas de cura do Novo Testamento são especialmente os corpos discriminados que são curados e restabelecidos em sua dignidade. Por outro lado, o cristianismo desenvolveu uma hostilidade ao corpo (REIMER; MACHADO, 2011, p. 131).

A teologia da libertação propõe uma hermenêutica que leve em conta, não somente o corpo, mas o contexto, especialmente, a opção política, ética e evangélica em favor dos pobres. A teologia da libertação faz a opção de avaliar a realidade social a partir dos pobres, de refletir teologicamente a partir da causa dos pobres e de agir para a libertação dos pobres. Observamos que na perícopa da mulher encurvada, Jesus faz claramente esta opção, para devolver a aquela mulher uma melhor opção política, ética e evangélica. Trata-se de uma opção política, pois situa o teólogo em determinado lugar social: ao lado dos oprimidos. Uma opção ética, porque nasce de uma indignação, precisamente ética, diante do escândalo da pobreza. E evangélica, porque encontra sua motivação mais profunda no evangelho (Mt 25,35-46), de acordo com o qual os pobres são o critério escatológico da salvação/perdição.

Jesus faz a opção pela mulher encurvada, porque está vulnerável: política, ética e evangelicamente, para ajudá-la a sair da condição a qual se encontra, a refletir teologicamente a partir da causa da opressão.

Essa opção prévia determina o “lugar social”, o “onde” o teólogo faz teologia, e isso, por sua vez, “interfere” no “lugar epistemológico”, no “como” o teólogo faz teologia, a “interferência” do lugar social no lugar epistemológico ou teórico indica uma relação indireta, no sentido de que é o lugar social é que torna possível um discurso teológico correspondente: o “que fazer” torna-se objeto do “que pensar”. (GIBELLINI, 2012, p. 347-374).

As principais características da cristologia da libertação são: a acentuação da dimensão histórica da salvação trazida por Cristo; a salvação escatológica passa por

libertações históricas, ainda que não possa identificar-se com elas; b) a insistência no seguimento de Jesus, que realiza uma hermenêutica praxista, que interpreta não tanto para compreender (função sempre necessária e importante), mas sobretudo para praticar: cristologia da libertação como cristologia do seguimento; e finalmente, c) o uso de uma “suspeita epistemológica, que pretende reagir a diversas apresentações erradas de Cristo que podem facilmente prestar-se a um uso ideológico pelos detentores do poder na América Latina, em particular: ao Cristo reduzido a “sublime abstração” ao Cristo apresentado adialeticamente como “reconciliação universal”, à “absolutização do Cristo” em que se perde a constitutiva relacionalidade de Jesus com o Reino de Deus, ao Cristo vencedor das cristologias do domínio, ou ao Cristo vencido das cristologias da resignação (GIBELLINI, 2012, p. 347-374).

A Bíblia é o livro da revelação, na medida em que é o livro da promessa divina; e a promessa alimenta a esperança e a esperança impulsiona a missão. O objetivo da teologia da esperança é abrir ao presente o futuro da justiça da vida, do Reino de Deus e da liberdade ao homem, na esperança, que encontra garantia e fundamento na ressurreição já acontecida, de Cristo: Do presente Cristo se extrapolava o futuro do Reino de Deus em termos de escatologia do futuro, como constitutivo da escatologia do presente.

No contexto da cura da mulher encurvada encontramos vários elementos que dizem respeito a teologia da esperança. O objetivo da teologia da esperança é trazer-nos exatamente a esperança, que encontra garantia e fundamento na ressurreição, já acontecida em Cristo, onde do presente, se extrapolava o futuro do Reino de Deus.

Assim, observamos que no caso específico da mulher encurvada a sua esperança no presente, que pudesse ser curada e livre dos seus males, e a espera durante dezoito anos, ao acontecer o esperado e acreditado leva à reação de glorificar a Deus. O que acontece com ela no presente, será assim no futuro. Em relação à justiça é a mesma coisa, Jesus devolve a ela a dignidade e a justiça, a trouxe para junto daqueles que fazem parte da aliança, a devolveu a uma sociedade que dela se afastara por causa de sua doença. Enfim, Jesus devolve a ela a esperança e a justiça (GIBELLINI, 2012, p. 279-296).

### **3.4.2 Misericórdia e inclusão**

A vinda de Jesus foi o início de uma mudança geral de mentalidade pautada pela inclusão dos menos favorecidos, não só ao cristianismo, mas à sociedade. Jesus logo no início de sua vida pública, mostra um certo inconformismo com as leis de forma geral e não as

aceitou pacificamente, porque estavam sendo usadas pelas elites dominantes – escribas, fariseus e sacerdotes – para explorar a população. Isso Jesus mostrou claramente em sua visita ao templo de Jerusalém.

Na linguagem e na concepção do Novo Testamento, a existência inautêntica é o pecado, e a autêntica é a fé. O pecado é querer viver por conta própria com as próprias forças, em vez de viver no abandono radical a Deus. Mas, segundo as leis da época de Jesus, era no templo de Jerusalém que pecadores e impuros tinham que passar para se reconciliarem com Deus. Reconciliação que só seria alcançada com ofertas regulares de sacrifício, dízimos e taxa ao templo, cujo montante chegava a quase um quarto da população. A verdade é que o perdão e a reconciliação com Deus estavam sendo usados como fonte de exploração. E Jesus protesta, porque entende que a lei se quer ser expressão da vontade de Deus, deve ajudar a promover uma vida plena para todos e não servir como fonte legitimadora de exploração.

A graça de Deus liberta do pecado o homem que se abre a Deus, em um abandono de si mesmo, ou seja, na entrega radical da fé. Era isto que movia a mulher encurvada pelo sofrimento. Na fé que seria possível mudar a situação de sua existência no mundo. Somente através da autêntica fé não se perde a esperança jamais (GIBELLINI, 2012, p. 33-45). Se do lado da mulher encontramos a fé e a esperança propensas à graça, do lado de Jesus temos a justiça e a misericórdia. O relato da mulher encurvada é um texto que mostra a misericórdia, a compaixão suscitada pela miséria alheia, a graça e o amor de Deus para com o ser humano. Podemos encontrar muitas passagens bíblicas que nos falam da misericórdia de Deus, mas talvez a mulher encurvada seja uma das mais emblemáticas.

O que nos chama a atenção é que a mulher encurvada não saiu dos planos de Deus, e nem Deus saiu dos planos da mulher encurvada. A sua perseverança mostra que não importava o tempo, o que importava era que um dia Deus olharia para ela, mesmo depois de dezoito anos.

Mas a cura da mulher encurvada não foi um ato isolado na vida de Jesus. Durante todo o seu ministério público, Jesus teve uma atenção particular para com aqueles que, seja pelo tipo de doença ou deficiência, seja por sua condição social, eram os mais abandonados, excluídos do convívio social e da participação do culto. Ele mesmo foi um excluído desde o primeiro dia de sua vida, quando seus pais não puderam encontrar um lugar decente para seu nascimento (cf. Lc 2,7 in BÍBLIA 2006). Considerado perigoso e vigiado pelos responsáveis da ortodoxia. Seguindo frente na sua missão, não tinha um lugar para reclinar a sua cabeça.

Durante a sua vida terrestre, Jesus se fez pobre, teve amor todo especial pelos empobrecidos e excluídos, proclamando a bem-aventurança deles, não por serem pobres e

miseráveis, mas porque com a vinda do reino de Deus, reino de justiça e solidariedade, onde todos possam sentir-se filhos de Deus, cidadãos livres e responsáveis.

Jesus ao curá-la, devolve à mulher a equidade ao homem dada pelo próprio Deus no ato da Criação. Através da cura Jesus devolve a ela o direito de trabalhar, de ir e vir, comprar as suas coisas, ir na casa das pessoas, olhar nos olhos dos seus amigos, olhar para o sol e para a lua (FIGUEIRA, 2015, p. 106-111).

### **3.5 A relevância da perícopes para os dias de hoje**

A relevância dessa perícopes está, principalmente, em nos relatar as reações de Jesus ao modo como as pessoas eram tratadas na época dele. A discriminação, a injustiça, a exclusão e o descaso com a vida nos mostram que esse tipo de situação incomodava Jesus. Essas situações estão presentes ainda hoje, de formas e maneiras diferentes, mas sempre com a característica peculiar de colocar essas pessoas à margem da sociedade, rejeitando assim o próprio Jesus.

No contexto de Jesus, poderosos pensam que Jesus descumpria a Lei ao curar a mulher encurvada em dia de sábado. Eles estão tão preocupados em manter o seu “*status quo*”, que mesmo depois de Jesus ter curado a mulher, o chefe da sinagoga argumenta com o povo que Jesus não poderia curar em dia de sábado (cf. Lc 13, 14 *in* Bíblia, 2006). Por isso, Jesus se dirige a eles chamando-os de hipócritas (cf. Lc 13, 15 *in* Bíblia, 2006), pela sua atitude de insinuar que a Lei é mais importante do que salvar alguém (cf. Lc 13, 15-16 *in* Bíblia, 2006). Jesus quebra os paradigmas e traz a mulher encurvada para perto de si. Designando-a como filha de Abraão, filha da promessa, mostrando a irrupção do reino de Deus e trazendo para a mulher encurvada toda a atenção da audiência e devolvendo-lhe a vida e a dignidade. Jesus mostra que o centro da atenção deve ser aquele que sofrem, os marginalizados. Jesus mostra quão grande é a diferença da palavra pregada e a palavra vivida.

Nos tempos atuais há tantas pessoas encurvadas de diversas formas. Pessoas encurvadas por causa do poder do dinheiro, que não têm suas necessidades atendidas, pessoas que sofrem por terem o dinheiro como seu deus, pessoas encurvadas pelas drogas, pessoas encurvadas pelo álcool, pessoas encurvadas pela doença, pessoas encurvadas pela discriminação racial, social, política e sexual, pessoas encurvadas por serem pobres, pessoas encurvadas pelo abandono etc.

### 3.6 Experiência na pastoral da saúde

Estar enfermo para qualquer pessoa é sempre um grande desafio, um dilema, e principalmente quando necessita ficar internado em um hospital, porque precisa de cuidados maiores, para que a saúde seja restabelecida. Dependendo da enfermidade, é quando se damos conta do estado de fragilidade da vida. A “parada” durante a enfermidade, quer em casa ou em um hospital é sempre um momento de grande reflexão sobre nossa fragilidade, sobre a nossa vida.

Desde 1998, desta dissertação de mestrado, serve à Igreja na Pastoral da Saúde. Iniciou esse trabalho enquanto leigo, depois como seminarista e agora enquanto presbítero. Ao longo desse tempo, encontrou pessoas que estavam com doenças relativamente simples e morreram, pessoas que estavam com doenças graves e sobreviveram, pessoas que após acidente automobilístico passaram anos no hospital e voltaram para casa, outras levaram uma queda e morreram. Na verdade, não existe um parâmetro para determinar se alguém vai viver ou morrer.

Durante esses anos houve muitas aprendizagens, dentre elas a levar esperança e olhar os outros com olhar de misericórdia. Porque a esperança é a porta da cura. A pessoa pode até morrer, mas na esperança de ficar curada ela luta até o fim, não desiste. E este é um fator importante para a sobrevivência. Esperança em tudo: nos remédios, nas pessoas, na vida, nas orações e, principalmente, em Deus.

Nos evangelhos são narradas muitas curas: a cura do escravo do centurião romano, a cura da hemorroísa, a cura da mulher encurvada, a cura dos dez leprosos, e tantas outras que nos inspiram e elevam a nossa fé e nossa esperança. Jesus exige das pessoas beneficiadas apenas a fé, porque o milagre só pode acontecer quando a fé está presente. Sem a fé, Jesus não faz emanar o poder que está nele. No entanto a fé “é exigida antes do milagre e torna-se fortalecida depois. Existe certa interdependência entre a fé e milagre, mas o primado cronológico e de valor diz respeito à ação de Jesus” (MARCONCINI, 2001, p. 238) (ROSSI, Luiz; SILVA, Valmor, 2018, p.89).

No início dos serviços na Pastoral da Saúde, imaginávamos um dia levar a Eucaristia às enfermarias. Há seis anos atrás trabalhamos como capelão no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira - IMIP. E durante cinco anos, tivemos a oportunidade de levar a Eucaristia às enfermarias todas as quintas-feiras.

O mais importante na Pastoral da Saúde, é levar o conforto espiritual àqueles que se encontram enfermos nos hospitais. E neste conforto espiritual está incluso a esperança, que alimenta a fé, ergue e anima à uma possibilidade de cura. É muito comum encontrar enfermos

nos hospitais desesperançosos, por isso é importante aos agentes de Pastoral da Saúde passarem para os enfermos atitudes sempre positivas, que elevem a autoestima, a esperança e a fé.

Nos hospitais encontramos pessoas com a fé em vários graus de intensidades. Pessoas que tem uma fé inabalável, pessoas que perderam a fé, pessoas com pouca fé, pessoas com muita fé, pessoas que, por se acharem abandonadas por Deus, perderam a fé, pessoas indiferentes à fé. Ou seja, pessoas com a fé frágil e a fé sólida. E a nossa missão no hospital é ajudar as pessoas a reerguer a própria fé para que Deus possa ajuda-las.

Em relação à experiência em levar a Eucaristia para os enfermos, podemos relatar duas experiências muito importantes. Uma foi de uma senhora que estava na enfermagem oncológica e quando entramos com o Santíssimo Sacramento ela gritava com muita dor dizendo: “Senhor eu sabia que tu vinhas me visitar, tira esta dor de mim! Não aguento mais!” Quanto mais nos aproximávamos dela, mais ela gritava, mas quando chegamos junto ao seu leito e lhe impusemos as mãos, ela começou a gemer e não mais gritar, ficamos ao redor de seu leito e começamos a rezar e ela foi se acalmando, as dores foram passando até que ela adormeceu.

Em outra ocasião, um enfermo estava sendo transferido de outro hospital para o IMIP. Ele estava muito debilitado e precisando urgentemente de um transplante de rim. No momento que o encontramos, nós estávamos com a Eucaristia, passando pelos corredores. A esposa daquele enfermo estava desesperada, quando os vimos, paramos e pedimos que ela estendesse suas mãos para o Santíssimo Sacramento e ele quase não tinha forças, a sua esposa se ajoelhou em pleno corredor do hospital e pediu que Jesus desse um rim novo ao seu marido para que ele tivesse uma vida nova, em menos de uma semana ele fez o transplante e saiu do hospital com sua saúde recuperada.

Lembro de um relato que alguém fez a respeito da Santa Madre Tereza de Calcutá: um repórter a esperava para fazer uma entrevista e acompanhava seu trabalho de asseio aos doentes e de servir a refeição a eles. Ao concluir seu trabalho, ela aproximou-se dele e disse: tudo bem filho, vamos à entrevista. Ele disse: “Madre eu não faria esse trabalho que a senhora faz nem por um milhão de dólares”. Ao que ela respondeu: “eu também não faria meu filho, mas por amor eu faço”. Então, se não tivermos esse olhar misericordioso, se não for por amor não conseguiremos ajudar aqueles que mais necessitam.

Por isso o mandamento primeiro é amar a Deus sobre todas as coisas, e o segundo ao próximo como a si mesmo. Partindo deste princípio, passamos a entender quando

fazemos a opção em ajudar os mais necessitados. É necessário um desprendimento muito grande de nossa parte, um abrir mão de si mesmo para cuidar do outro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, desde o seu surgimento, foi crescendo, sob diversos aspectos. Primeiramente, foi necessário entender o contexto social, cultural, político e religioso, no qual vivia a “mulher encurvada” e também tudo o que ela sofreu durante os dezoito anos possuída por um espírito do mal, mas, perseverando sem perder a fé por todo esse tempo. Ela continuava frequentando a sinagoga, mesmo sendo excluída por causa de interpretações legalistas a respeito da Lei de Moisés.

Descobrimos que, além da fé, a esperança foi a sua grande companheira, a qual dava a certeza a ela que um dia seria curada. Por fim, o chamado de Jesus confirma em seu coração que sua hora chegou. Ela foi curada.

A ida de Jesus à sinagoga aos sábados para ensinar, tem um sentido, pois ele sabia que lá era o lugar do encontro, lá era o lugar da “reunião” onde todos estavam no culto para ouvir a palavra de Deus, pois era o lugar ideal onde se encontravam aqueles que estavam em busca do sagrado e que estavam abertos para ouvir a Boa Nova trazida por Ele.

Jesus foi corajoso. Ele provavelmente sabia que estava para enfrentar um grande desafio público. Vendo-a, Jesus a chama tocando o coração da mulher silenciosamente, só ela escuta e vai até Ele. Possivelmente as pessoas que estavam ao redor da mulher nada entenderam quando ela se deslocava em direção a Jesus, mas, ela sabia porque estava indo em direção a Ele.

A nossa pesquisa também nos mostrou quem é a mulher encurvada. Ela não era apenas uma mulher encurvada que vivia as dificuldades de sua doença. Ela era encurvada porque carregava em suas costas todo peso da sociedade, da exclusão, e da subjugação e representava todas as mulheres da época que estavam submetidas aos caprichos dos poderosos. Eram exploradas, escravizadas, e excluídas por estarem enfermas. Antes de sua inclusão, ela era apenas a mulher encurvada, agora Jesus a chama de filha de Abraão, trazendo-a para perto de si, colocando-a no centro das atenções, e devolvendo-lhe a dignidade, a vida. Agora ela é filha da aliança e faz parte do processo de salvação.

E com essa cura Jesus irrompe o Reino de Deus, mostrando nas duas parábolas do Reino que se seguem à cura da mulher encurvada, a importância tanto da presença do homem como da mulher na construção deste Reino.

O chefe da sinagoga e os que estavam ali representando os poderosos ficaram indignados com a atitude de Jesus e, voltando-se para o povo, o chefe da sinagoga o acusa de ter desrespeitado o sábado e justifica-se na Lei dizendo à multidão: “Há seis dias para o

trabalho; portanto, vinde nesses dias para seres curados, e não no dia de sábado!” Jesus os chamou de hipócritas porque só cumprem a Lei quando esta os beneficia. Enquanto são acusados de hipocrisia Jesus chama a mulher de “filha de Abraão”. Estes ficam envergonhados, enquanto a multidão inteira se alegrava com todas as maravilhas que ele realizava. Em relação aos poderosos da época de Jesus, observamos que são iguais aos dos dias de hoje. Para eles a lei está acima de tudo, quando se trata de oprimir os outros.

As contribuições desta pesquisa são importantes como a inclusão que Jesus oferece a mulher encurvada ao chama-la de filha de Abraão, ao incluí-la no plano de salvação.

A fé. Percebemos que a fé da mulher encurvada tem grande relevância nesse episódio.

A perseverança da mulher que durante dezoito anos esperou que sua hora chegasse.

O encontro do poder divino, ou salvífico, oferecido por Jesus, e da força da fé da mulher encurvada de quem procura encontrar-se com Jesus para ser curada.

O esforço e a coragem da mulher encurvada, que enfrentou dificuldades religiosas, sociais, políticas e econômicas, inclusive na hora do encontro com Jesus tiveram que se deslocar do local onde se encontrava para ir ao seu encontro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASCOUGH, Richard S. **Milagres de Jesus**. Tradução: Rosana Malerba. 1 ed. São Paulo. Ed. Ave Maria.
- BAUTISTA, Mateo. **Jesus: sadio, saudável e terapeuta**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1997.
- BEAUMONT, Mike. **Enciclopédia Bíblica Ilustrada**. 2ª ed. Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.
- BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian. **Dicionário de termos teológicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento**. 2001.
- BERGER, Klaus. **É possível acreditar em milagres?** Tradução de Luís Henrique Dreher. São Paulo: Paulinas, 2004.
- BERGER, Klaus. **As formas literárias do Novo Testamento**. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.
- Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2004.
- Bíblia do peregrino: Novo Testamento**, Tradução: José Bortolini e Ivo Storniolo, São Paulo: Paulus, 2005.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do corpo: o homem-corpo é imortal**. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis. v. 65, n.1, p 61-8, jan./fev. 1971.
- BROWN. R. E., FITZMYER, Joseph A., MURPHY, R. **Novo comentário bíblico São Jeronimo**. 1 ed. Santo André / São Paulo: Paulus, 2011.
- CANTALAMESSA, Raniero. **O verbo se fez carne: reflexão sobre a Palavra de Deus**. 2 ed. São Paulo, 2012.
- CLARET, Martin. **O poder da oração**. São Paulo: Prol Editora Gráfica Ltda, 1994.
- COELHO, Carla Naoum. **Esta filha de Abraão**. 09/03/2015. Disponível em: Blog Dignidade <<http://ultimato.com.br/sites/dignidade/2015/03/09/esta-filha-de-abraao/>> Acesso em: 15/06/2019; 15:18
- CORREIA JUNIOR, João Luiz. **O poder de Deus em Jesus: um estudo de suas narrativas de milagres em Mc 5,21-43**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2000.
- DAL PINO, F. et al. **Liturgia e terapia: a sacramentalidade a serviço do homem na sua totalidade**. São Paulo: Paulinas, 1998.

DAY, Terry Jean; SMIMTH, Carol J., **Manual essencial da bíblia**. Barueri - São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

DRANE, John W.; FIELD, David; MILLARD, Alan. **Atlas da Bíblia**. 16a. ed. São Paulo: Paulus, 1985.

DUPRAT, M. **Evangelho e Reino de Deus** – São Paulo: Paulus, 1997. – (Cadernos bíblicos; 69)

EBELING, G. **Word and Faith**, London, 1973.

FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. **Os Evangelhos II**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: O dicionário de língua portuguesa**. 6ª Ed. Curitiba: Positivo, 2006.

FIGUEIRA, Emilio. **Teologia da inclusão** – A trajetória das pessoas com deficiência na história do cristianismo. São Paulo: Figueira Digital, 2015.

FITZMYER, Joseph. **The Gospel according to Luke X-XXIV**. New Haven: Yale University Press, 2010.

GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, justiça e feminismos: antologia de textos**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. Tradução João Paixão Neto. 3ª Ed. São Paulo: Loyola, 2012.

GRINDHEIM, Sigurd. Luke, Paul, and the Law. **Novum Testamentum**, n. 56, p. 335-358, 2014.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do novo testamento** - tradução João Marques Bentes, Fabiano Medeiros, Valdemar Kroker. 3a. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HENGEL, Martin. **Foi Jesus um revolucionário?** Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

LÉON-DUFOUR. **Vocabulário de teologia bíblica**. Tradução de Frei Simão Voigt. 7ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

LÉON-DUFOUR. **I miracoli di Gesù e teologia del miracolo**. Assis: Cittadella Editrice, 1987.

MARCONCINI, B. **Os evangelhos sinóticos: Formação, redação, teologia**. São Paulo: Paulinas, 2001.

- MARSHALL, H. **The gospel of Luke. A commentary on the greek text.** Grand Rapids: Eerdmans, 1978.
- MARGUERAT, Daniel. **Novo testamento: história, escritura e teologia.** 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.
- MATEOS, J.; CAMACHO, F. **Jesus e a sociedade de seu tempo.** 2. ed. São Paulo: Paulus, 1992.
- MENDONÇA, José Tolentino. **A Construção de Jesus: A dinâmica narrativa de Lucas.** São Paulo: Paulinas, 2018.
- MIRANDA, França. **A pessoa e a mensagem de Jesus.** São Paulo: Loyola, 2002.
- NOLAN, A. **Jesus antes do Cristianismo.** São Paulo: Paulus, 1987.
- PAGOLA, José Antônio. **O caminho aberto por Jesus.** São Paulo: Vozes, 2012.
- PESTANA, Siokmey T.C. **A terapêutica integral – milagres de Jesus e a terapia comunitária integrativa.** São Paulo: Fonte Editorial, 2017.
- RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé – introdução ao conceito do cristianismo.** 4 Ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- REIMER, Ivone R.; MACHADO, Erika Pereira. Uma mulher marcada pela opressão e pela ternura de Deus: análise e interpretação de Lucas 13.10-17. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 51, n. 1, p. 127-137, jan./jun. 2011.
- ROSSI, Luiz Alexandre S. e SILVA, Valor da: **Milagres na Bíblia.** São Paulo: Paulus, 2018.
- SAMPOL, Lucia A.V e SAMPOL, Antônio V. **A Escoliose e suas formas de tratamento.** 2000.  
<http://t.r4.com.br/imagens/arquivos/104/ESCOLIOSE%20E%20SUAS%20FORMAS%20DE%20TRATAMENTO.pdf>. Acesso em 15/06/2019.
- SCHLESINGER, Hugo; PORTO, Humberto. **Dicionário enciclopédico das religiões.** V 1. São Paulo: Vozes, 1995.
- VENDRAME, Calisto., **A cura dos doentes na Bíblia.** São Paulo: Loyola, 2001.
- WEISER, Alfons. **O que é milagre na Bíblia.** São Paulo: Paulinas, 1978.
- ZERWICK, M., **Analysis filológica: Novi Testamenti graeci.** ROMA: PIB, 1966.